

Outros Tempos, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v19i34.984>

***A DISSEMINAÇÃO DA PSEUDOCIÊNCIA NA URSS NO FILME MICHURIN/LIFE IN BLOOM (1948)<sup>1</sup>***

***THE SPREAD OF PSEUDOSCIENCE IN THE USSR IN THE FILM MICHURIN/LIFE IN BLOOM (1948)***

***LA DIFUSIÓN DE LA PSEUDOCIENCIA EN LA URSS EN LA PELÍCULA: MICHURIN/LIFE IN BLOOM (1948)***

MOISÉS WAGNER FRANCISCON

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7795-3270>

Doutorando em História pela UFPR

Professor SEED-PR

Campo Mourão/Paraná/Brasil

[mw.franciscon@hotmail.com](mailto:mw.franciscon@hotmail.com)

**Resumo:** O filme *Michurin*, 1948, de Dovjenko, permite entender os conflitos internos da sociedade e da política soviéticas e a consolidação de uma noção equivocada de ciência que traria resultados funestos ao país por mais 15 anos. Tratou-se não de um transe de um ditador e da ambição de um pesquisador ambicioso, mas também de posições de parte da sociedade que conseguiram se impor. Por meio da sócio-história cinematográfica procurou-se mostrar como o filme foi construído no choque entre produtores e poder político, como pretendia convencer o público da mensagem oficial, e como fazia parte de uma campanha maior.

**Palavras-chave:** Lysenkoísmo. Cine-história cinematográfica. URSS.

**Abstract:** The film *Michurin*, 1948, by Dovjenko, allows us to understand the internal conflicts of the Soviet society and politics, and the consolidation of a mistaken notion of science that would bring disastrous results to the country for the next 15 years. It was not a question of the trance of a dictator and the aspirations of an ambitious researcher, but also of positions on the part of society that managed to impose itself. Through cinematographic socio-history, we tried to show how the film was constructed in the clash between producers and political power, how it intended to convince the public of the official message, and how it was part of a larger campaign.

**Keywords:** Lysenkoism. Cine-film history. USSR.

**Resumen:** La película *Michurin* (1948) de Dovjenko, permite comprender los conflictos internos de la sociedad, la política soviética y la consolidación de una noción equivocada de ciencia que traería consigo resultados desastrosos para el país por los últimos 15 años. No solo se trata del transe de un dictador y la ambición de un investigador ambicioso, sino también de posturas, por parte de la sociedad, que lograron imponerse. Además, por medio de la socio-historia cinematográfica, se intentó mostrar cómo se construyó la película dentro del enfrentamiento entre productores y poder político. Asimismo, se muestra cómo se pretendía convencer al público del mensaje oficial y cómo todo eso formaba parte de una campaña más amplia.

**Palabras clave:** Lysenkoísmo. Historia del Cine. URSS.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em janeiro de 2022 e aprovado para publicação em junho de 2022.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Após a Segunda Guerra, contra as expectativas dos membros da indústria cinematográfica e das artes em geral, o regime soviético se fechou ao invés de se abrir. A maior censura e controle com o clima interno e externo da Guerra Fria em todas as esferas possíveis, como a da cultura, ideologia, ciência e pesquisa, marcou o stalinismo tardio (1945-53). O clima de terror renovado, e dessa vez cirúrgico, se abatia sobre cientistas acusados de espionagem industrial e também cosmopolitismo – amalgamando-se às acusações gerais já conhecidas desde a década anterior de traição, sobre um espectro social muito maior. O Estado desejava fidelidade, unidade e engajamento, bem como combater o dissenso, a oposição e o conhecimento e interação com o mundo externo. Na medida em que a liderança lutava para impor suas ideias e projetos, não só a sociedade, mas também sobre grupos renitentes ou em choque no próprio partido, um filme ganhou tal relevo que acabou por frustrar as metas de seus realizadores, por ser agora parte da campanha do regime pela aprovação social da condução da reconstrução nacional no campo, além da aceitação da concepção de integração de (pseudo)ciência<sup>2</sup> e ideologia que se constituiu desde o início da década anterior. *Michurin*, 1948<sup>3</sup>, de Aleksandr Dovjenko, dentro dos objetivos e preocupações do Kremlin, deveria promover o embarque nacional na imensa aventura charlatã de Trofim Lysenko (1898-1976) e nas crenças pessoais de Stalin. Não foi um processo unidirecional de cima para baixo. Havia apoio social. Dovjenko se percebeu novamente enredado na pressão e na censura constantes e produziu, ao menos até ser afastado da finalização de seu próprio trabalho, uma película que não agradava a todos – inclusive a si próprio, mas que foi importante na imposição da mitologia em torno de Ivan Michurin (1855-1935) e da pesquisa agrícola.

Por meio da socio-história cinematográfica de Ferro (1976, p. 203, 207; 1992, p. 117, 45, 61), é possível inserir o filme *Michurin* (1948) em seu ambiente social e político, percebendo como foi fruto de sua época e como se pretendia que a influenciasse. Aparentes erros em detalhes não são apenas necessidades da linguagem e da produção fílmica, pois podem portar interesses dos produtores, e que estes podem ser induzidos por meio da arte do cinema, sem o serem explicitamente, em um jogo de “visível” e “não-visível”. Também sob o

---

<sup>2</sup> Pilati (2018) aponta que a pseudociência se caracterize pela não observância do método científico e pela produção de um pretense conhecimento final e acabado, verdade infalível e absoluta. Segundo a terminologia do autor, Lysenko e ao menos seus seguidores e colaboradores mais próximos enquadrar-se-iam melhor na *ciência picareta*, com dados e resultados manipulados, com uma finalidade específica previamente estabelecida. Um engodo fantasiado de ciência.

<sup>3</sup> Apesar de sua estreia ter ocorrido em 1º de janeiro de 1949, o filme foi liberado pela censura ainda no ano de 1948. Os soviéticos datavam seus filmes segundo esse evento, e não o lançamento no cinema. 1948 é a data que o filme exhibe em seu letreiro.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

conteúdo aparente pode haver um conteúdo latente, o qual revela mais sobre a sociedade que o produziu do que esperavam seus realizadores, pois o cinema e a câmera não se dão ao controle total de qualquer regime ou produtor ou a uma leitura inequívoca. Procedeu-se, ainda, a uma averiguação aproximada da proporção em que o filme foi manipulado para atender às demandas políticas.

### **O embate político-ideológico que moldou *Michurin***

O uso da biologia com finalidades político-ideológicas não surgiu na URSS de Stalin. Hitler utilizou-se do mendelismo para embasar as suas ideias racistas. Muitos defensores dos impérios coloniais e da eugenia também o faziam (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 126). Após a guerra e as devastações provocadas pelo espírito de *untermensch* atribuído pelos nazistas aos soviéticos, o elo entre genética e racismo, criado nos países fascistas e além<sup>4</sup>, não seria esquecido por Stalin, até mesmo pelo potencial que oferecia ao se comparar os impérios europeus ocidentais e o novo império americano com o inimigo recém-derrotado. A repulsa de Stalin pela genética, não obstante, não começou aí. Era muito mais antiga, apesar de não ainda instrumentalizada. Tampouco era atributo apenas de regimes rivais. A acusação poderia surgir, por exemplo, de grupos religiosos internos, como os presbiterianos (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 135). Os desdobramentos político-ideológicos e sociais da pesquisa genética também diziam respeito à leitura que alguns dos próprios geneticistas faziam de suas pesquisas e descobertas. Morgan, frequentemente lembrado por Stalin e pela turba dos lisenkoístas, falava em melhoria do gênero humano (ALLEN, 1979, p. 227-234). Weismann, por seu turno, além de ser a antítese do lamarckismo, foi, ao lado de

---

<sup>4</sup> Releituras e manipulações de Gregor Mendel foram importantes para geneticistas nazistas endossarem as políticas elaboradas pelo regime, da eugenia negativa da ameaça judaica e cigana (e eslava) à esterilização e à meta de regeneração da raça superior por meio da eugenia positiva, incentivo ao crescimento demográfico, de camponeses. Apesar desses pseudocientistas pararem nos bancos dos réus, em várias regiões sob ocupação ocidental, as leis nazistas sobre hereditariedade continuavam a ser aplicadas à população e esterilizações continuaram a ser feitas. No pós-guerra, havia leis de esterilização em 27 estados norte-americanos, em províncias suíças e na Dinamarca, e as ideias mendelianas eram utilizadas por defensores da eugenia na Inglaterra (contra a “ameaça da classe trabalhadora”, tendo uma visão mais classista que racial, ao contrário dos demais países citados), Estados Unidos, França, Itália, Cuba, Porto Rico, México, Argentina e Brasil - onde se destacou o influente (por meio do rádio e fundações educacionais) Roquette-Pinto. Os eugenistas, influentes na Rússia czarista, sobreviveram à Revolução como eugenistas positivos. Procuravam a genealogia e a hereditariedade da genialidade e defendiam a sua promoção. Passaram a ser criticados apenas com os debates, em meados da década de 1920, sobre que teorias seriam marxistas e quais seriam burguesas, culminando com seu banimento por Stalin no fim da década (TEICHER, 2020, p. 218-219; 205-207; 215-216). As ideias racistas elaboradas sobre o trabalho de Mendel abrangiam no tempo e no espaço muito mais do que a Alemanha. Stalin, que, por experiência pessoal, possuía absoluta certeza do erro de Mendel, poderia facilmente associar aos novos inimigos a imagem do inimigo fascista já derrotado, além de ter argumentos para um maior controle interno ao associar o mendelismo ao imperialismo ou o fascismo, diante de uma população soviética que sentira diretamente o experimento eugênico.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Darwin, a base para o britânico Francis Galton desenvolver a eugenia (OBERMANN-JESCHKE, 2008, p. 58), como também do americano James Watson, codescobridor do DNA dois dias após a morte de Stalin e nobelizado em 1962 (DÁVILA, 2007). O argumento de Watson de que os povos negros são incapazes de se governarem – por não terem a mesma inteligência de um branco – era em essência o mesmo argumento para defender a necessidade do Império Britânico (além, é claro, do próprio regime de *apartheid* no sul dos EUA e a negação prática do direito civil ao voto) do *tory* e *whig* de ocasião, mas sempre imperialista, Winston Churchill (ROBERTS, 2020, p. 98; 64; 96), outro oponente de Stalin na arena internacional. Ambos os lados procuraram transformar a ciência (ou as leituras que faziam desta, além é claro, de pseudocientistas alinhados) em elemento justificador de suas políticas: do colonialismo ocidental ou do anti-imperialismo soviético. A questão primordial é que no Ocidente procurou-se politizar e criar versões interessadas de descobertas científicas, enquanto na URSS de Stalin estas também acabaram forjadas - o que teve consequências importantíssimas para os dois blocos da Guerra Fria.

Os irmãos Medvedev mencionam comentários de poderes hipnóticos de Lysenko, o qual, como Rasputin, convenceria os seus superiores para, em seguida, mostrar como Lysenko apenas fornecia elementos (dados e pesquisas fraudadas) para que estes julgassem que suas ideias e esperanças estivessem certas, enquanto as da academia estavam erradas. O lamarckismo, entre os líderes cultos, ou o impulso pela mudança rápida e fácil, entre os alheios à ciência, já estava lá. Lysenko apenas precisava confirmá-los e aticá-los para subir ao poder<sup>5</sup>. “Até mesmo Lenin, que escreveu que qualquer operário seria capaz de dirigir o

---

<sup>5</sup> Sobre as convicções pessoais de Lysenko, a menos que a tradução seja equivocada (por exemplo, “stalinista” no lugar de “soviético”), a sua conversa com Graham na Universidade de Moscou em 1971 pode ser muito reveladora: “Você pensa que eu sou parte do opressivo sistema soviético. Mas eu sempre fui um *outsider*... Eu tive que lutar para ser reconhecido”, “[...] eu não tenho nada a ver com o que o Partido ou a polícia secreta fez na biologia”. Ele negou ter qualquer relação com a morte de Vavilov e mesmo ter pertencido ao partido, Ele ganhou um palácio no qual moraram a mãe de Pedro I, o Grande, Pushkin e Rimsky-Korsakov (GRAHAM, 2016, p. 68-70). Lecourt (2018) afirma que, por cupidez ou ingenuidade, Lysenko tornou-se instrumento de Stalin na promoção de sua ciência proletária contra a ciência burguesa. Pois o lysenkoísmo não teria sido uma doutrina acabada, que se encastelou com seus militantes nas instituições e sequestrou as orientações do partido para si (ele próprio seria fruto da fusão com os pensamentos igualmente voluntaristas do pedologista V. R. Vilyams – ou Vasily Robertovich Williams, filho de um técnico americano imigrante na Rússia tsarista), mas sim que passou por diversos estágios até ser reunida e organizada num todo homogêneo tão tarde quanto o congresso de 1948, quando serviu aos desígnios de Stalin. Os irmãos Medvedev (2006) mostraram como a relação não foi tão simples nem Stalin tão meticuloso e estrategista. Lysenko, que já era presidente da Academia de Ciências Agrícolas Lenin, tornou-se também chefe do Instituto de Genética da Academia de Ciências assim que Vavilov, que ocupava o cargo, foi preso (KINGSBURY, 2011, p. 206). O Prêmio Stalin, que conferia notoriedade, autoridade e rublos, certamente foi manipulado para agraciar àqueles alinhados com os pedidos governamentais - apenas Lysenko o ganhou três vezes, em 1941, 1943 e 1949. Não se deve esquecer, no entanto, que isso não é uma característica exclusiva do “totalitarismo” soviético. Apenas nos últimos anos, e sem contar presidentes americanos agraciados, dois recém ganhadores do Nobel da Paz foram acusados de crimes contra a humanidade. Sob a pressão incidindo sobre os cientistas por meio de tribunais de honra, nesse exato momento os EUA fazem

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Estado, podia ser considerado um lamarckiano social” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 264)<sup>6</sup>. A crise agrícola nacional com a coletivização acionou a necessidade de mudanças rápidas, como a diretriz de 1931 para a substituição dos então cultivares por outros, de excelência, em dois anos. Reduziram-se os prazos de criação de variedades de 10-12 para 4-5 anos, com o objetivo de alto rendimento, rico em proteína, resistente ao frio, à seca, às pestes e às pragas (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 266) – algo que a atual tecnologia transgênica não fornece quanto ao frio, apesar de avançar nos demais quesitos. Enquanto Yuri Vavilov e os geneticistas riram da meta<sup>7</sup>, Lysenko se propôs a realizá-la durante reuniões nos kolkhozes – promessa que chegou a Stalin, que queria ouvi-la. Quando, obviamente, não as cumpriu, atribuiu o imenso atraso às críticas dos geneticistas, que acabaram indiciados, penalizados, presos ou mortos durante a Grande Purga<sup>8</sup>. Ocorreram outros dois grandes congressos sobre agricultura antes de 1948: um em 1936 e outro em 1939, cada um aumentando o controle de Lysenko, mas sem o sucesso almejado de findar discussões e impor a sua linha única – não apenas para os lysenkoístas, mas para o stalinismo em geral, debates e discussões eram vistos como perda de tempo, aceitando-se apenas a ação, sendo que ação/prática na ciência era intuição (JORAVSKY, 2010, p. 97). Em dezembro de 1946, Stalin pediu para Lysenko melhorar os espécimes de um trigo egípcio com grandes espigas e grãos, mas que era difícil de cultivar, além de pouco produtivo e de baixa qualidade. Obviamente aceitou o trabalho. Para a mídia soviética – e informalmente para Stalin – relatava um grande sucesso e a visão do líder para a escolha da variedade. Um ano depois, o seu relatório acusava uma produção duas vezes menor do que a do trigo em volta do campo experimental no

---

o mesmo sob alegação de espionagem industrial (que era um dos elementos acusatórios nos julgamentos espetacularizados de pesquisadores na URSS de Stalin), como no caso do nanocientista Charles Lieber.

<sup>6</sup> Os próprios irmãos Medvedev, oriundos das Ciências “duras” e não da História, mais ainda a marxista, apesar de terem escrito um livro sobre Krushev, que, confirmando a Lenin, foi de mineiro à dirigente máximo, parecem não o considerar como tal.

<sup>7</sup> Se Vavilov tivesse se atentado às possíveis interpretações políticas de suas pesquisas científicas e criado a sua própria, unindo os fatos biológicos às exigências político-ideológicas, ele poderia ter escapado da prisão e morte? Ou mesmo tê-las atenuado, passando uma breve estadia de reeducação na Sibéria para assumir posições de importância em seguida – como o projetista-chefe de foguetes Sergei Korolev? Pessoas eficientes e talentosas como Korolev e Rokossovsky foram resgatadas da prisão, onde foram parar por denúncias anônimas ou confissões forçadas, para ocupar bons cargos ainda na vida de Stalin. O choque de Vavilov com o todo poderoso e vingativo Lysenko (e ainda mais, com as crenças pessoais de Stalin) traçou a sua sorte. É provável que fosse perseguido mesmo que não pusesse em perigo a reputação e o poder de seu ex-aluno. O próprio Stalin era capaz de aprender com o tempo e abandonar algumas de suas convicções. Nos anos 1920 e 1930 afirmara – como Lysenko agora pretendia repetir para cair em suas graças – que a ciência era uma questão de classe. Os avanços no Ocidente, no entanto, erodiram essa certeza. A Segunda Guerra foi um momento oportuno para sua detenção, que não chamou a atenção internacional (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 273).

<sup>8</sup> Entre os críticos de Lysenko, que morreram na prisão ou em fuzilamentos entre 1937-39, estão: Meister, Muralov, Tulaikov, Grigori Levitsky, Karpetchenko, Govorov, Kovalev e Vavilov (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 266), além de Isaak Agol, Solomon Levit, Georgi Karpechenko e Georgi Nadson, três mil geneticistas acabaram presos ou mortos e aqueles que emigraram para a URSS com a esperança de maior apoio à pesquisa, acabaram retornando (RAPPAPORT, 1999, p. 172).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Cáucaso. Mas o ditador queria aquela variedade e promessas de 10 toneladas por hectare em um ano (1948), e 100 toneladas até 1951 foram feitas – e não cumpridas. Stalin culpou Lysenko por não o ter plantado em um solo e clima propícios, para em seguida propor metas ainda mais audazes e defender Michurin como lamarckista<sup>9</sup>. Dias antes da estreia do filme, Stalin sugere que, ao lado de Lysenko, ele próprio era o grande definidor de como Michurin deveria aparecer nas telas.

Dois anos antes, 1947, uma obra literária colocava na boca do líder mensagens que poderiam, muito bem, estar no filme, de 1948, e já o elevava à posição de um novo cientista visionário e heterodoxo<sup>10</sup>. As mesmas questões que explodiram no Politburo e afetaram o filme de Dovjenko já estavam presentes – e claras – no romance, dois anos após o início das reelaborações do roteiro e dois anos após a publicação do livro. A mesma trama do herói iluminado, açoitado por detratores derrotistas, sem fé em seu credo, que precisa convencê-los de seus erros e regenerá-los, repete-se em ambos. O autor poderia pavimentar a aceitação pública das ideias lysenkoístas, que tentariam ser impostas sobre a academia em 7 de agosto de 1948 e de uma vez em 1º de janeiro de 1949. No mesmo dia em que o filme estreava, Lysenko fazia uma transmissão radiofônica para todo o país com promessas sobre a nova aventura agrícola da URSS (JORAVSKY, 2010, p.143). Nesse caso, a película seria mais um elo – o maior em alcance social, pois o discurso no rádio não seria projetado a qualquer momento, mesmo anos depois e em outro país, como a China, e o oratório de temática florestal de Shostakovich não agradaria a todas as audiências<sup>11</sup> – de uma corrente pré-estabelecida, na forma de campanhas para facilitar a aceitação e a adesão aos programas

<sup>9</sup> “Quanto à situação teórica na biologia, acredito que a posição de Michurin constitui a única abordagem científica correta. Os weissmanistas e seus seguidores, que negam a possibilidade da transmissão hereditária das características adquiridas, não merecem ser discutidos. O futuro pertence a Michurin” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 268).

<sup>10</sup> Trata-se do livro *Felicidade*, de Pyotr Pavlenko, que frequentemente se reunia com Stalin na Crimeia - Ialta e Sochi eram lugares em que gostava de passar férias: “Mas o jardineiro, embaraçado e ao mesmo tempo olhando para Stalin com admiração infantil, fez um gesto de desalento: “É meio assustador contrariar a ciência, Josif Vissarionovich. Na época do czar havia aqui alguns especialistas, mas eles eram cautelosos.”/“E não tinha motivos para se comportar de outra maneira”, retrucou Stalin. “Na época do czar as pessoas eram ignorantes, não tinha nada a ver com o que acontece hoje. Está na hora de fazer experiências ousadas! Precisamos cultivar uvas e limões em outras regiões, e não só aqui.”/ “O clima impõe limites, Josif Vissarionovich.” O jardineiro apontou para as videiras: “Veja como são frágeis, como são delicadas... como poderiam sobreviver à geada?”/ “Treine-as para que se adaptem a condições difíceis, não tenha medo! Nós dois somos do sul, mas também nos sentimos muito bem no norte.” [...] Fica dizendo que isto não vai funcionar, e que aquilo outro também não vai funcionar. Na época de Puchkin, foram trazidas berinjelas da Grécia para Odessa, por simples curiosidade, e agora, apenas quinze anos atrás, começamos a cultivar tomates em Murmansk. Queríamos que desse certo, e deu. Temos de fazer força para o cultivo de videiras, limões e figos no norte. Disseram que não seria possível cultivar algodão no Kuban ou na Ucrânia, mas hoje ele é cultivado. A questão é querer muito uma coisa e tratar de fazê-la” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 270-271). 15 anos atrás foi o período em que Lysenko emergiu. Não foi possível confirmar se os tomates em Murmansk foram obra sua. Leonid Leonov e outros autores também publicaram contos e novelas com o tema do triunfo sobre a Natureza na época (JORAVSKY, 2010, p. 141).

<sup>11</sup> Morton (2006, p.78) afirma que a trilha agradou a Stalin.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

governamentais, em especial, o maior plano agrícola de Stalin<sup>12</sup>, o Grande plano para a transformação da Natureza (BO, 2019, p. 194), ratificado em outubro de 1948. O regime sonhava com a transformação de áreas de tundra (tão tarde quanto Gorbachev, com a criação de um satélite capaz de refletir a luz do sol, transformando a noite em dia) e em especial as desérticas da Ásia Central em zonas de lavoura<sup>13</sup>. Uma reconstrução da natureza que combinava com os sonhos de Michurin de criação de toda uma nova flora. O país precisava ser preparado para mais um projeto grandioso e dispendioso, com boas e péssimas ideias, que consumiria parte das energias, tempo e renda do país. Nem todos os soviéticos estavam genuinamente alegres e entusiasmados, tendo diante de seus olhos campos apenas recém reconquistados da destruição da guerra, cidades e em especial apartamentos ainda por reconstruir, e a memória do caos, desperdício, fracasso, fome e violência da coletivização da agricultura de 1929-33 no sul do país (BROWN, 2010). Em 1946, a fome ressurgiu em áreas do país, como o Cazaquistão (VOLKOGONOV, 2004), a insatisfação social fez o governo aumentar os subsídios agrícolas e assim diminuir o preço de alimentos essenciais em 1947, e logo suprimir o racionamento destes. O filme *Michurin* deveria levar otimismo e ânimo para a empreitada, expondo as ideias do projeto de maneira simples, clara e sem possibilidades de erro.

Na narrativa do filme, vários dos personagens experimentam um aumento do padrão de vida – os meninos camponeses que roubavam maçãs são os transformados em agentes públicos - coletores de sementes para o banco genético do agrônomo, revolucionários que veem as portas da universidade se abrirem, além é claro do próprio Michurin. Muitos soviéticos (em especial aqueles que sobreviveram) compartilhavam da mesma experiência de ascensão social promovida pelo fim do analfabetismo, pela industrialização, pelo investimento em escolas técnicas, universidades, ciência e pesquisa, urbanização e, em alguns

---

<sup>12</sup> Este previa a criação em 30 anos de cinturões florestais no sul do país (além de outros sete de milhares de quilômetros na bacia do Volga) para bloquear a desertificação (algo que a China faz hoje, com sucesso) e proteger as novas terras agricultáveis do projeto Terras Virgens na Ásia Central, usando, porém, árvores como carvalho, do norte, cultivadas segundo o método de Lysenko, de se expor as sementes ao clima árido, que as faria necessariamente estarem aclimatadas. O que foi abandonado com a morte do ditador (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 272). Não se sabe quanto foi gasto, mas 1,5 milhão de hectares foi reflorestado entre 1948-51 (JORAVSKY, 2010, p.142). Lysenko participou do comitê de reflorestamento mesmo sem não ter escrito até então um único artigo sobre biologia de árvores (INGS, 2017). Em 1948, Lysenko publicou o seu artigo *Semeadura experimental em morros de cinturões florestais* já se referindo ao projeto (LYSENKO, 1954, p. 555), portanto após o seu lançamento. Para ser mais exato, em 23 de novembro, durante uma conferência na Academia Lenin de Ciências Agrícolas. Parte importante do projeto foi abandonado com a morte de Stalin, e o Projeto Terras Virgens ganhou impulso.

<sup>13</sup> Mesmo um Romanov poderia perceber o potencial agrícola das estepes, quando Nikolai, sobrinho de Alexandre II, explorou a área na segunda metade do século XIX, e irrigou áreas e abriu um canal de 100 quilômetros após 1881 (MONTEFIORE, 2016, p. 534; 580).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

locais do país, como o norte, inclusive pela coletivização e mecanização da agricultura (YAKOVLEV, 1991). Esse sentimento de progresso pessoal poderia ser transformado em um terreno social fértil para a disseminação das ideias lamarckistas de Lysenko, em uma versão soviética do *self made man*, e potencialmente tão aglutinador em torno da ideologia oficial. Uma crença na evolução individual e coletiva com esforço e dedicação próprios e orientação externa autorizada, como ocorre com as plantas, segundo a liderança, que constituiria a imagem do novo homem soviético<sup>14</sup>. Entre os letrados, as tentativas de associação de alguns regimes e grupos no Ocidente da genética com o ideal de eugenia, raça pura, superiores e inferiores (uma divisão na qual os povos soviéticos eram considerados os últimos) poderiam trazer à tona os recentes traumas nacionais e criar um bloqueio contra a aceitação dos genes. Entre os técnicos nas províncias, estudantes, escolas agrícolas e mesmo alguns grupos de pessoas comuns militantes, o lysenkoísmo se alastrou largamente (JORAVSKY, 2010, p. 108). Essa teoria não foi fruto apenas do agrônomo ucraniano, mas de vários de seus adeptos e seguidores, como Vilyams ou Isaak Izrailevich Present<sup>15</sup>, os quais o auxiliou nas acusações de sabotagem e conspiração contra os geneticistas (KINGSBURY, 2011, p. 206). Youngblood (2007) mostrou como instituições e grupos engajados junto ao regime, como membros do partido, do Komsomol, da administração, de clubes organizados pelo Estado atuavam em suas redes de contatos sociais e posições (poderiam, por exemplo, reunir os trabalhadores em uma fábrica, alunos em uma escola, etc.) visando divulgar a exibição de filmes de interesse do governo e incentivar de várias maneiras o público a vê-los (e tudo isso podia simplesmente falhar diante da vontade e gosto da audiência). Montar exposições em locais de seu controle não significava que os lotariam, e exercer pressão demasiada era relevante acima de tudo apenas para pessoas que desejavam mostrar sua adesão ou temiam represálias e perseguições por seus superiores que organizavam o evento, o que era um fator limitante do alcance deste medo – e em um país em que os relatórios sobre a baixa produtividade e assiduidade no trabalho nos kolkhozes, por exemplo, chegavam a Stalin sem maiores consequências senão bravatas e recriminações (VOLKOGONOV, 2004), e essas pessoas amedrontadas eram em número bem menor do que se poderia supor para o observador ocidental. É de se supor ainda que tais grupos que formavam os seguidores do Lysenkoísmo tenham atuado da mesma maneira, em suas esferas sociais de influência, para alavancar o filme e a mensagem que pretendiam difundir em meio à sociedade. O lançamento do filme teria sido precedido por

---

<sup>14</sup> Joravsky (2010, p. 98) afirma que o lysenkoísmo era o stakhanovismo na pesquisa agropecuária.

<sup>15</sup> O fato de um judeu ser um dos principais expoentes do lysenkoísmo e da ascensão social dos membros dessa teoria evidencia como no stalinismo o antissemitismo era político e não étnico.



**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

uma campanha publicitária “sem precedentes”, com o objetivo declarado de ser exibido para o maior público possível, “em especial nas áreas rurais” (SCHNEIDER, 2005, p. 131).

Para Stalin, descendente de uma mulher simples e religiosa incapaz de entender a posição do filho fora da comparação com um czar (RADZINSKY, 2011, p. 334; MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 412) e de um pai sapateiro bêbado, a ideia de que a genética e a herança genética eram determinantes, ou mesmo existissem, era inconcebível. De que genes proveriam a sua memória tremenda, o seu gênio organizacional ou a sua astúcia política? Ou que determinavam que ele sairia da pobreza na periferia do império russo para o controle da segunda potência mundial? O guia máximo do marxismo-leninista nem sempre levava em consideração a sua dialética social. Obviamente, Yuri Jdanov, o bem-nascido filho de Andrei Jdanov, naquele momento ainda o número 2 do Partido Comunista como chefe do Departamento Ideológico, encontrou bem menos resistência de sua mente para chegar à conclusão de que Lysenko era charlatão. As críticas pró-geneticistas e anti-lysenkoístas eclodiram na Universidade de Moscou e na Academia Agrícola Timiryazev. Em junho de 1945, o irmão do Vavilov, o físico Sergei Vavilov, foi eleito presidente da Academia de Ciências, o que demonstraria à comunidade acadêmica a decadência do controle de Lysenko. Stalin apenas corroborou a eleição (que era sua função) para não ser ligado à morte do geneticista em 1942, e que agora se tornava pública. A consequência foi a eclosão do debate público<sup>16</sup>, que culminou com a aparente destituição do “michurinismo” do poder (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 273-274). Em 10 de abril de 1948, o filho do autor da nova doutrina para os tempos da Guerra Fria na Cultura condenou o agrônomo ucraniano – este, ao ameaçar a sua própria demissão de um cargo de confiança, colocou em funcionamento as engrenagens do sistema que faria com que sua situação chegasse a Stalin. A luta de facções reunidas em torno de ideias, interesses e líderes dentro do Partido Comunista fez com que o desafeto Geórgiy Malenkov, um provável sucessor de Stalin, agisse contra o filho de Jdanov, seu concorrente, enviando o seu discurso para a análise do secretário-geral<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Por exemplo, a crítica de N. A. Maksimov (presidente do Instituto de Fisiologia Vegetal) contra a tentativa de Lysenko barrar experimentos com hormônios vegetais, feita em princípios de 1948. Assim que Lysenko assegurou o poder novamente, Maksimov se tornou mais um *perekraska pod Michurina*, alguém disfarçado de michurinista: louvou Lysenko em 7 de agosto de 1948, bem como a sua crença em substâncias para induzir ao crescimento das plantas, mas manteve a sua pesquisa sobre hormônios – apesar de ele mesmo passar a criticá-los publicamente. A maioria se tornou “evasivamente resistente” diante da militância lisenkoísta (JORAVSKY, 2010, p. 140; 108).

<sup>17</sup> Os irmãos Medvedev (2006, p. 261-63) mostram como a questão genética foi transformada em um cavalo de batalha interno ao partido: Jdanov ascendeu ao segundo lugar na organização após os êxitos na defesa de Leningrado (por mais que estes se devessem à defesa organizada por Jukov após os desastres sob o próprio Jdanov e Voroshilov, a figura política em Leningrado era ele, a quem coube parte dos louros e da admiração

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Essa situação demonstrou mais uma forma de conexão entre disputas científicas e políticas: se os Jdanov fossem ou deixassem pensar que eram favoráveis à genética, obrigatoriamente Malenkov e qualquer rival marcariam posição contrária, quaisquer que fossem as suas convicções – caso tivessem alguma em um tema que, para muitos arrivistas, pouco ligados às pretensões científicas do partido e do marxismo-leninismo em explicar o mundo, poderia soar como trivial e bizantino. Yuri Jdanov servil e inteligentemente corroborou a decisão de Stalin (JORAVSKY, 2010, p. 142). As posições pessoais lysenkoístas de Stalin acabaram anotadas<sup>18</sup>.

O ditador corrigiu a defesa técnica do “michurinismo”, escrita por Lysenko, para se tornar a linha oficial do partido (como ambos avisaram de maneira clara em suas respectivas esferas: Stalin no Politburo, Lysenko na academia) na biologia e na agricultura<sup>19</sup>, a ser lida em um encontro da Academia Lenin de Ciências Agrícolas da União (VASKhNIL) entre 31 de julho e 7 de agosto de 1948. A luta de facções na cúpula do poder e a ingerência pessoal do ditador, a poucos meses da data prevista para o lançamento do filme, permite imaginar a tensão entre Lysenko e Dovjenko no estúdio, como este teve um ataque cardíaco<sup>20</sup>

---

pública), desbancando Malenkov, que queria retomá-lo, com o apoio de Beria – o que, de fato, conseguiria com essa crise.

<sup>18</sup> No fim de maio, no Birô Político, o líder acusou os Jdanov e o chefe da seção científica do Comitê Central, Dmitry Shepilov, de confundir os cientistas: “[...] temos de apoiar Lysenko e acabar com esses morganistas nacionais”. Pouco depois, no dia 31, ao se reunir novamente no Birô Político para decidir as nomeações para o Prêmio Stalin, lembrou que os mesmos violaram a orientação do partido, tratando visões pessoais como oficiais: havia apenas os pontos de vista do Partido. O objetivo de Yuri Jdanov era esmagar e destruir Lysenko. Isso estava errado. “Não devemos esquecer”, disse o camarada Stalin, “[...] que Lysenko é o Michurin de hoje em agrotecnologia” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 256-257).

<sup>19</sup> “Cabe notar que Stalin fez um bom trabalho de editoração, melhorando o texto de Lysenko, eliminando as asperezas e moderando o tom antiocidental. Ao mesmo tempo, contudo, aprovava plenamente a adesão de Lysenko à teoria lamarckiana [...]. Stalin tirou a palavra “soviética” do título do relatório; a seu ver, “Sobre a situação das ciências biológicas” formulava melhor o tema em questão. Todas as 49 páginas haviam sido meticulosamente examinadas. Ele eliminou a segunda seção do relatório, e onde Lysenko sustentava que “qualquer ciência baseia-se em classe”, anotou: “Há, há, há... e a matemática? E Darwin?”. Na seção em que Lysenko criticava os pontos de vista de T. H. Morgan de W. L. Johannsen, Stalin escreveu na margem: “E Weissman?” Lysenko e seus ajudantes logo trataram de acrescentar doze parágrafos ao relatório, atacando Weissman [...]. Em todo o texto, Stalin eliminou a palavra “burguês”. Por exemplo: “visão de mundo burguesa” ficou sendo “visão de mundo idealista”; “genética burguesa” passou a ser “genética reacionária”. Em outra seção, Stalin acrescentou um parágrafo inteiro, deixando claro que preservava suas convicções lamarckianas da juventude, exemplificadas em seu ensaio “Anarquismo e socialismo”, escrito em 1906. No ponto em que Lysenko insistia na fundamentação absolutamente científica da teoria de Lamarck sobre a transmissão hereditária das características adquiridas, Stalin acrescentou: “Não se pode negar que no acalorado debate do primeiro quartel do século XX entre weissmanistas e lamarckianos, estes estavam mais próximos da verdade, pois defendiam os interesses da ciência, ao passo que os weissmanistas deixavam de lado a ciência, aderindo ao misticismo” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 259).

<sup>20</sup> O próprio Jdanov, ao perder poder e ser apontado por Stalin com seu cachimbo - algo que ele fazia quando estava nervoso - como responsável pela crise política em torno da Biologia, teve que se internar em uma casa de repouso. Sem a mesma sorte do diretor, sucumbiu ao coração, e em 31 de agosto estava morto (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006). O professor Bo, em sua avaliação do presente artigo, comparou a situação de parentes dos geneticistas mortos, em seguida aliciados para o trabalho para Lysenko, com o nacionalista ucraniano Dovjenko, sempre a receber encomendas do próprio Stalin, e da tensão surgida entre vítimas e algozes. Poder-se-ia

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

e como o filme era uma questão importante para o regime. Os irmãos Medvedev apontam que Stalin deu muito mais atenção a esse caso do que a coetânea Crise de Berlim<sup>21</sup>, que quase levou o país a uma nova guerra. Assim também era para Lysenko: não apenas para autopromoção, mas para apagar ainda a aparente destituição do “minchurismo” na academia com o debate público e o discurso de Andrei Jdanov, reafirmando tanto o seu poder quanto o status de única corrente autorizada e aceitável sobre o campo científico. Igualmente serviria para legitimar a onda de demissões e cortes de verbas que vitimaram e destruíram a genética<sup>22</sup>.

A Guerra Fria, a descolonização e a busca pelas duas novas e únicas superpotências por “colônias” e zonas de influência entre os escombros dos decadentes impérios coloniais europeus ocidentais influenciaram a genética ocidental. Assim, não era nenhum absurdo Stalin considerar que a genética de então era racista e eugênica (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 256) – algo desagradável para um baixo e moreno

acrescentar também a de Molotov e Kalinin, cujas esposas foram enviadas para o Gulag (KHLEVNIUK, 2009, p. 219; 223), aumentando o controle de Stalin sobre suas funções e perspectivas.

<sup>21</sup> “Stalin era um lamarekiano absolutamente convicto; ele estava fascinado com a ideia da possibilidade de “alterar a natureza das plantas”, e dedicava cada vez mais tempo a isto, seu único hobby” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 263) – de fato, alguns filmes retrataram Stalin como aficionado por jardinagem, como *Padenie Berlina* [A queda de Berlim], 1949, de Mikheil Chiaureli. Ele tentava conduzir experimentos com seus limoeiros, pés de café e cacau, em Moscou - mas em uma estufa (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 269, 271).

<sup>22</sup> Jores Medvedev, agrônomo, faz seu relato pessoal: “No verão de 1948, quando ainda era estudante na Academia de Agricultura Timiryazev, eu estava na Criméia trabalhando em um projeto no Jardim Botânico de Nikitsky, perto de Ialta, para concluir minha graduação. Acompanhando o andamento da conferência da VASKhNIL pelo *Pravda*, fiquei exultante ao ver que meu orientador científico, Pyotr Jukovsky, acadêmico da VASKhNIL e presidente do Departamento Botânico da Academia Timiryazev, fizera no dia 3 de agosto um forte e irônico discurso criticando as teorias básicas de Lysenko. Mas na sessão final da conferência, tendo Lysenko declarado que seu relatório fora aprovado pelo Comitê Central, Jukovsky voltou a subir na tribuna, e dessa vez sua fala estava cheia de pedidos de desculpas e autocrítica [...]. Assim que ficamos sozinhos, disse-me ele: “Firmei uma paz de Brest-Litovsk com Lysenko.” Quando voltei a Moscou no início de outubro, o trabalho de demolição já havia sido concluído. A pesquisa genética fora destruída em todo país, com a demissão de todos os críticos de Lysenko [...]. Com base no que havia acontecido na conferência da VASKhNIL, conceitos pseudo-científicos também adquiriram preeminência em outras esferas da ciência. Os trabalhos recuaram em décadas na fisiologia, na microbiologia, na química e na cibernética” (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p.275). Os seguidores de Lysenko podiam ser ainda piores em sua visão mágica do mundo, negando a existência de hormônios e vírus das plantas; a genética foi apagada dos livros das escolas às universidades e dirigentes que até então a permitiam juraram impor o michurinismo (JORAVSKY, 2010, p.142; 140). Apesar de Lysenko já ter sido incensado por Stalin e confirmado no poder, o *Pravda* ainda publicava material contrário a ele. Isso se explica pelas divisões entre funções dos principais jornais (o *Pravda* como porta-voz do partido, e o *Izvestia*, do Estado), e a luta entre facções que conseguiam acesso aos jornais e assim publicar material contraditório - uma grande dor de cabeça para os soviétólogos que tentavam determinar as orientações do Kremlin (TATU, 1970) -, como os desentendimentos entre a pasta da Agricultura, comandada por A. Andreev, e a da Cultura, de A. Jdanov (JORAVISK, 2010, p. 109). Os sinais trocados da luta entre grupos políticos diferentes também desnorream os editores e censores até que a situação fosse esclarecida com comunicados oficiais, como o discurso de Lysenko o foi. Esta foi uma situação que perpassou a história dos jornais na URSS, como denúncias graves de corrupção que chegavam até o alto escalão no início dos anos 1980 (MENEY, 1984). J. Medvedev publicaria no exterior seu *The rise and fall of T. D. Lysenko* (que circulou como *samizdat* datilografado na URSS) ainda em vida deste, 1969, mas totalmente desacreditado e abandonado após seu último fiasco.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

georgiano com algumas malformações congênitas (KOTKIN, 2017; MONTEFIORE, 2006; VOLKOGONOV, 2004).

O regime foi além da busca de uma teoria do campo unificado ou teoria da grande unificação. O marxismo-leninismo explicaria não apenas todos os fenômenos sociais, econômicos e históricos, mas também o universo físico, como a biologia – apesar da fonte original marxista interpretada pelo stalinismo fosse muda a esse respeito. Uma teoria integral da realidade, no entanto, possuía vários benefícios para seus detentores. Reforçava o controle do Partido Comunista sobre o conhecimento, como único guia legal e possível para interpretação e entendimento de toda a realidade (BRZEZINSKI, 1963), além de conferir maior autoridade e coerência ao marxismo-leninismo<sup>23</sup>, como seria no mundo físico-biológico. Permitia ainda criar um novo campo de tensão e antagonismo com os rivais ocidentais (que faziam suas próprias leituras interessadas em seu próprio método bem mais informal), que, por sua vez, possibilitava um polo de aglutinação de liderança e unidade nacional e de combate aos dissidentes e dissonantes internos. Tornava também plausível a meta de copiar, igualar e superar o capitalismo, que não contaria com a ciência proletária; além de gerar um ambiente cultural de otimismo e de confiança no regime – mais sábio que os sabichões da academia – o que também permitia manipular impulsos anti-intelectuais da parte conservadora e tradicionalista da sociedade. Outro benefício era o de auxiliar até mesmo o Stalin a aumentar o seu poder pessoal sobre o partido, eliminar velhos quadros que muito sabiam do passado, ou que eram insuficientemente submissos, e alimentar a luta entre facções, enfraquecendo-as enquanto ele se fortalecia como árbitro (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006).

Stalin percebeu avanços reais na Física na URSS, elevada ao nível do Ocidente (como a bomba atômica soviética provaria) ao dar amplos poderes centralizadores ao físico Igor Kurchatov (1903-1960). A sua avaliação era a de que Lysenko faria o mesmo pelas Ciências Biológicas e a fulcral agricultura soviética. Centralização, linha única de pensamento e bom orçamento – a verba para pesquisas foi triplicada – deveriam impulsionar a ciência do país (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 258), a qual deveria ser também um meio de impulsionar o nacionalismo, o otimismo e a adesão ao regime, com a meta de se equiparar e suplantar o Ocidente. Apesar de a espionagem industrial prosseguir, o contato científico se

---

<sup>23</sup> Uma leitura mais marxiana e menos stalinista talvez lembrasse dos estágios materiais necessários para o progresso histórico, a impessoalidade deste, e assim aceitasse a ideia dos genes como paralelos às estruturas; bem como do pessoal e das pesquisas das universidades e de seu potencial para formação de uma opinião pública, favorecendo, assim, a legitimação de suas políticas de aceleração do desenvolvimento, ou seja, de que era possível e desejável queimar fases no desenvolvimento socioeconômico.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

tornou mais difícil. Publicações estrangeiras e traduções destas quase desapareceram. Debater, reproduzir e disseminar pesquisas estrangeiras eram vistos como “bajulação” ao Ocidente, falta de patriotismo, punível por meio dos novos “tribunais de honra”, dentro do espírito da *ждановщина*. Apesar de Jdanov tentar podar a liberdade de informação e publicação no meio acadêmico, não pretendia lutar contra os fatos científicos (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006, p. 262) nem era alheio à opinião “pública” (DAVIES, 1997) nas universidades, transparente por meio de artigos e críticas, apesar de, em alguns momentos, de modo mais brando e, em outros, mais evidente (DEUTSCHER, 2006). Pode-se elencar mais algumas razões para a adoção da via tortuosa do lisenkoísmo<sup>24</sup>.

### **A importância do filme *Michurin* para a divulgação científica soviética e a Guerra Fria**

Os dados de bilheteria na então União Soviética são fragmentados, lacunares. Dos filmes de temática científica elencados, foi possível averiguar apenas a de *Sud chesti*, 1948, de Abram Room, de 15.200.000 de espectadores no primeiro ano ([www.kino-teatr.ru](http://www.kino-teatr.ru)). *Michurin*, do mesmo ano, se, ao contrário de *Sud chesti*, possuía o atrativo de cores, uma novidade capaz de encantar e atrair muitos, por outro lado, era fruto de Aleksandr Dovjenko (1894 -1956). O diretor, com seu lirismo, simbolismo e uso da montagem, partilhava do campo vanguardista (tal característica do diretor sobreviveria em trechos de suas obras, enquadradas pelo realismo socialista, mas não no todo), que nos anos 1920 foi um sucesso entre a crítica especializada, mas algo do qual o simples, rural e iletrado público soviético fugia. O cinematograficamente limitado cineasta lituano Abram Room<sup>25</sup>, por seu turno, tornava os filmes quase teatros

<sup>24</sup> Qual a razão para Stalin ter abandonado os 10-12 anos requeridos pelos geneticistas pelos 4-5 dos lisenkoístas e esperado inutilmente por 32 anos por novas variedades? Apesar de ser um pragmático acima de tudo, como o foi na Física, Linguística, e acima de tudo na *realpolitik* com países capitalistas e socialistas e no partido, Stalin também poderia ser dogmático e cegado pelo ego e a crença de uma infalibilidade. Isso ocorreu em junho de 1941, e de forma mais aguda e prolongada na Agronomia e na Biologia. O amor próprio falava alto, uma vez que Lysenko tentou ensinar onde plantar o trigo ramificado e os cultivos falharam ali igualmente, bem como seringueiras, limoeiros, etc., que foram inicialmente ideias do próprio Stalin e se converteram rapidamente em mantras para os lisenkoístas. Admitir que Lysenko mentia e estava errado era assumir os erros próprios e abandonar o sonho de tornar a URSS uma superpotência agrícola exportadora como a Rússia de antes da Primeira Guerra. Além disso, alguns experimentos realmente tiveram êxito – apesar de isso ter ocorrido em outras artes do mundo não lisenkoístas –, como os cultivos de chá e eucalipto no Cáucaso, amendoim no sul da Ucrânia, o que proporcionava uma base para se manter na expectativa. Além das fraudes nos dados promovidas por Lysenko – por exemplo, a suspeita de ter fraudado a polinização de sua variante de milho estadunidense pretensamente aclimatado (KINGSBURY, 2011, p. 207) – com a ajuda de autoridades locais, interessados em se destacar e ascender por inovação, rendimento ou bajulação das ideias do líder. Stalin poderia acreditar e esperar, mas parte da sociedade, escaldada pela condução e resultados da coletivização, e pelos desafios da reconstrução após a guerra, não. Era necessário explicar didaticamente os esforços do regime.

<sup>25</sup> Bo (2019) demonstra que se tratou de uma atrofia provocada pela rigidez da censura e da imposição do realismo socialista, sendo de outra natureza os trabalhos anteriores do diretor, durante a NEP ou antes de sua equipe ser denunciada em meados dos anos 1930.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

gravados, simplificando a linguagem cinematográfica ao máximo. *Sud chesti* ainda era um drama do subgênero de tribunais, algo apelativo entre o público da época, enquanto *Michurin* era um filme sobre um agrônomo. Uma generalização grosseira poderia apontar que tais filmes, portanto, não foram sucessos de bilheteria, apesar de se distanciarem de retumbantes fracassos comerciais<sup>26</sup> – o que era uma preocupação para os produtores, e suas esperanças de bônus, e para os estúdios e o financiamento para novos projetos, mas não para o regime, o qual pretendia disseminar sua visão acerca da ciência (apesar de não apreciar rublos sendo jogados pela janela, como o fuzilamento de um dos ministros do Cinema indica<sup>27</sup>). No entanto, a sua tabulação por filme, diretor e gênero pode produzir interessante informação sobre a pressão do público soviético<sup>28</sup> a respeito da indústria do cinema e sua relação com o cinema artístico e para o consumo de massa quanto à escolha de gêneros, à circulação e recepção de filmes menos dirigidos ante o reforço da história chancelada pelas autoridades, e como essas mensagens se propagaram e foram modificadas em filmes subsequentes (CARDOSO; VAINFAS, 2012).

Ivan Michurin possuía fama dentro do regime<sup>29</sup>. Koslov: a cidade onde mantinha o seu viveiro de mudas ganhara seu nome, sendo rebatizada em 1932, quando ainda em vida,

<sup>26</sup> Os filmes soviéticos possuíam uma ampla gama de público. Existia um circuito comercial nos cinemas que cobrava ingressos, que serviam para formar o fundo gerido e distribuído pelo ministério, como também clubes de trabalhadores e cineclubes, que poderiam ou não cobrar, além de exibições em escolas, indústrias, universidades e outras instituições, gratuita, além de festivais e mostras de cinema (KENEZ, 2008).

<sup>27</sup> Boris Shumyatsky (1930-37), não exatamente ministro – o cargo seria criado apenas em 1946, com Ivan Bolshakov – mas chefe do Diretório Estatal do cinema, da Soyuzkino, o Conselho do Cinema da União – responsável por “todos os aspectos da indústria cinematográfica, técnicos, financeiros, artísticos e ideológicos” e GUFK, Diretório Principal da Indústria Foto-Cinematográfica (CHRISTIE; TAYLOR, 2012, p. 283). Mas seus poderes eram similares.

<sup>28</sup> Kenez (2008) mostra a falta de opções do consumidor soviético nos anos 1930. Ainda assim, alguns filmes eram mais vistos que outros. Se Fürst (2006, p. 2; 14) prova o renascimento limitado de uma sociedade de consumo no stalinismo tardio, Youngblod (2007) demonstra a importância da pressão vinda de baixo para a formatação da indústria cinematográfica soviética. Bolshakov, o então ministro do Cinema, defendia em 1948 menos filmes, mas de melhor qualidade (ROLLBERG, 2009) e a média anual caiu para 12 lançamentos, com apenas 9 em 1951 (SPRING; TAYLOR, p.104), gerando o período da *malokartine*, fome de filmes. Com a derrocada da produção dos estúdios diante da burocracia e censura, películas capturadas no avanço no fim da guerra foram liberadas e desbancaram o produto soviético, como nos anos 1920 (BO, 2019). Fürst (2006, p. 213) fala em histeria nas exibições de *Tarzan* em 1951. Buffet (2016, p. 71) menciona 1531 cópias americanas, 906 alemãs, 572 francesas e 183 britânicas (também haviam italianas) e como crianças moscovitas apreciavam *No tempo das diligências*. O próprio Béria apreciava filmes de faroeste, como *Viva Villa!* (MONTEFIORE, 2006). Em 1947, o filme-troféu alemão *A mulher dos meus sonhos*, 1944, uma comédia musical, rendeu cinco vezes mais que um dos principais lançamentos soviéticos do ano. Em 1948 foram lançados 37 filmes-troféu contra 17 soviéticos, em 1949, 39 contra 18 (BO, 2019, p. 198).

<sup>29</sup> Ganhou vários prêmios do Estado, telegramas de congratulações de Stalin, poemas honoríficos. No entanto, de suas centenas de criações de cultivares, apenas um possuía uso comercial até 1931 (RILEY, 2004, p. 73). Apesar de que, posteriormente, sua variedade de kiwis fosse plantada até nos EUA (KINGSBURY, 2011, p. 203), Kingsbury (2011, p.201) afirma que ele pode se destacar no novo regime porque ambos preferiam energia e ação à método - apego por tentativa e erro que se tornara em humor sobre ambos. Sem uma educação científica formal, possuía pouco método e apreço por escolas e teorias acadêmicas. Segundo Kingsbury (2011, p. 201), “[...] os métodos de Michurin só podem ser descritos como excêntricos, com pouco embasamento científico ou

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

para Michurinsk. Sempre citado na mídia como herói científico nacional – justamente no país que se via como a vanguarda do saber científico nas Ciências Humanas (BRZEZINSKI, 1963) e crescentemente nas Exatas e Biológicas –, e também na academia e nos cursos técnicos em rápida expansão, ganhou espaço na memória coletiva. Sobre a importância da agronomia na URSS, que, ao contrário da propaganda lutava incansavelmente – e debalde, uma vez que apesar da produção agrícola aumentar ao longo do tempo –, o país foi paulatinamente transformado em refém das importações do Ocidente pelo aumento do consumo e sua variedade para recuperar o posto de grande exportador mundial de antes da Primeira Guerra, bastando lembrar que cursos à distância eram buscados inclusive por líderes partidários, como o jovem Mikhail Gorbachov, tornado agrônomo por correspondência (BROWN, 1997). A graduação ou curso técnico era um meio de ganhar status e projeção no partido, mais ainda em uma área considerada vital. Assim não é estranho que surgissem *anekdots* sobre Michurin<sup>30</sup>. O personagem possuía apelo social e era relacionado a uma temática que agradava o desejo plástico e cenográfico de Dovjenko: campos, flores, água, bosques, que poderiam formar uma base lírica ao seu gosto. O primeiro aspecto poderia contrabalançar os problemas comerciais do segundo.

O sistema da indústria cinematográfica soviética, apesar de recompensar o sucesso nas bilheterias a partir de bônus ao pessoal técnico envolvido, e de exigir o autofinanciamento por meio do recolhimento centralizado do Ministério do Cinema dos valores pagos pelo público para formar o fundo comum para os estúdios e produções (cabendo ao ministro e outros burocratas sua distribuição), estava longe de ter no mercado e lucro sua única preocupação – coisa que sequer no Ocidente foi regra inquebrável. Como mostra Beumers (2015, p. 253), a indústria soviética enfrentava organicamente problemas de organização, controle e autoria, que culminavam na entrada na fase de produção sem um roteiro preciso – apesar das revisões e reescritas determinadas pelos censores – duplicando o trabalho (e multiplicando o tempo e os custos) e levando o processo criativo até a fase de pós-produção e da edição final, que ficou a cargo de Mariya Timofeyeva. Abandonar inteiramente o mercado, no entanto, não era uma opção. Mesmo quando o subsídio estatal era vultoso e específico para uma obra, esta era encomendada e de preocupação do regime (o que significava mais ingerência política de burocratas e censores e menos espaço criativo para diretores e

---

metodologia. Suas conquistas foram [...] baseadas na boa intuição”. Algumas *anekdots* chamam a atenção para um pretenso caráter *mixuruca* da contribuição de Michurin.

<sup>30</sup> Por exemplo: Quem inventou o arame farpado? Michurin. Ele cruzou uma cobra com um ouriço. Ou: Michurin cruzou uma abóbora com uma cereja para fazer o híbrido ter o gosto da baga e o tamanho do vegetal. O oposto aconteceu (<http://www.anekdot.ru>).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

roteiristas, como era o caso de *Michurin*<sup>31</sup>) e que, se bônus e financiamento não eram preocupação, era maior, esperada e exigida a abrangência do público. Diretores e líderes do Kremlin não conseguiam se ver livres da necessidade de agradar e atrair (ou tentar) os espectadores de alguma maneira. Salas que se esvaziavam após o início da exibição dos filmes de Eisenstein (KENEZ, 2008) formaram um dos golpes de realidade que levaram à formatação do realismo socialista como um beneficiário do cinema clássico hollywoodiano.

Dovjenko escreveu uma peça teatral sobre o agrônomo ainda durante a guerra, já planejando o uso de cores e música para compor as suas imagens líricas. Os temas de sinfonias pastorais pelo compositor Dmitri Shostakovich poderiam gerar um aspecto similar ao de composições de imagens e músicas já empregados no Ocidente, como a animação *Fantasia*, 1940 (produção da Walt Disney Productions), que também não foi muito bem nas bilheterias. “Na versão final, a música de Chostakóvitch, acoplada às imagens pastorais ao feito de Dovjienko, ficaram como vestígios do projeto inicial” (BO, 2019, p. 195). João Lanari Bo mostra as dificuldades e tensões geradas na interação dos desejos do diretor e os do regime<sup>32</sup>.

Dovjenko precisou escrever o roteiro por seis vezes (BO, 2019, p. 194), gastou quatro anos no filme (CAUTE, 2003, p.128), todo o tempo percorrido desde a publicação da peça *Jizn v tsvetu* [Vida em flor] (LIEHM; LIEHM, 1980, p.54). “O filme seria um poema lírico sobre a vida em meio à natureza e sobre o encantamento com sua beleza” (LIEHM; LIEHM, 1980, p.54), o que vai contra a ideia de que o diretor se enamorou das capacidades de Michurin como criador da natureza, e se aproxima do seu passado lírico naturalista. Muitas das imagens originais restantes, que combinam música orquestral e cenas naturais, indicam esse viés. O que seria o avesso das pretensões do lisenkoísmo. Uma visão demolidora, porém, ambígua ou sutil. As penúrias relatadas por Dovjenko também permitem uma apreciação

---

<sup>31</sup> O filme foi encomendado pelo governo para abrir os trabalhos anuais do Congresso da Academia Soviética de Ciências Agrárias, o que acabou acontecendo de fato com alguns anos de atraso, em 1 de janeiro de 1949, quando também estreou nas telas para o público de massas. Deveria constituir uma apoteose de Michurin, ou melhor, da leitura e manipulações de Lysenko sobre seu antigo professor, e se contrapor aos adeptos da genética dentro da URSS, ou do “mendelismo-morganismo” (RILEY, 2004. p. 73).

<sup>32</sup> “Lysenko considerava os princípios relacionados à transmissão hereditária estabelecidos pela genética de Mendel como reacionários. Para ele, comportamentos apreendidos eram geneticamente transmissíveis, de acordo com Marx, Engels e Mitchúrin. O corolário era que, uma vez estabelecida a geração educada na era bolchevique, a autopropetuação seria inevitável” (BO, 2019, p.194). “Lysenko utilizou Mitchúrin e sua *biologia material* para perseguir e isolar inimigos na arena político-institucional da agricultura na URSS. O filme foi reeditado, à revelia de Dovjienko, e lançado no dia 1º de janeiro de 1949: no mesmo dia Lysenko declarou que seus métodos eram “a única linha correta das ciências biológicas”, e trariam “colheitas sem limites”. *Mitchúrin*, a produção de Dovjienko, transformou-se em uma plataforma de defesa de suas ideias polêmicas. As repercussões do *lysenkeísmo* extrapolaram a escala nacional e tornaram-se uma das principais controvérsias de fundo científico durante a Guerra Fria” (BO, 2019, p. 194-195).



**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

negativa e sarcástica do poder da liderança política<sup>33</sup>. A sua posição no mínimo conflituosa com o regime pode ser constatada por seu diário de 27 de julho de 1945: “[...] camarada Stalin, mesmo que você fosse Deus, eu não aceitaria sua palavra, pois eu sou um nacionalista [ucraniano] que deveria ser marcado e arrastado na lama” (CAUTE, 2003, p. 128). Dobrenko (2020, p. 321) estabelece um meio termo: a natureza é um paraíso bucólico, um belo quadro, aprimorado pelo mestre Michurin. O agrônomo se torna radicalizado: as suas falas são axiomas inventados, apenas baseados nas ideias do autor, mas jamais formam uma citação direta de alguma frase que tenha escrito ou proferido. E as suas mensagens sobre ciência e sociedade se radicalizam especialmente com a Revolução. Dobrenko não tem dúvidas sobre quem as formulou<sup>34</sup>.

Segundo o autor (DOBRENKO, 2020, p. 322), Michurin simplesmente não possuía conhecimento a respeito do debate sobre genética, darwinismo e mendelismo – uma preocupação posterior, na URSS – e, de fato, o próprio Michurin lamenta o estado da genética em 1914 (MICHURIN, 1958). Tal debate já era importante quando da morte do agrônomo, apesar de Dobrenko se referir aos anos iniciais, como em 1900. Dovzhenko declarou a sua meta em 1949<sup>35</sup>.

O autor se refere ao lirismo ambiental do diretor: se Michurin era uma ode a céus e terra, o elogio de outros de seus filmes foi para a água ou para o fogo, como *Bitva za nashu Sovetskuyu Ukrainu* [Batalha pela nossa Ucrânia soviética], 1943, ou o póstumo *Povest*

---

<sup>33</sup> “*Vida em Flor* se arrastava há vários anos. Eu o escrevi tanto como um conto quanto como uma peça. Foi um caminho difícil que percorri antes de fazer um filme colorido da peça. Eu literalmente puxei o filme do solo árido. Sofri, exausto de ataques cardíacos e insultos de burocratismo enfadonho. Então, após esforços sobre-humanos, quando o filme finalmente começou a dar sinais de vida, e excitar até mesmo esnobes desdenhosos, tropecei em uma experiência fantástica quando foi julgado pelo Conselho Supremo de Artes. O Ministro correu com ele em algum lugar, e eles o mostraram ao Grande Líder, supremo entre os mortais. E o Supremo proscreeu meu trabalho ... Agora a agência de cinema me colocou na prateleira de novo. Passo dias sentado à minha mesa. Tenho que jogar fora tudo o que escrevi, virar-me contra tudo que me entusiasmou, que é composto de muitos elementos delicados, e criar um híbrido - um velho poema sobre sua obra e uma nova história sobre seleção. E meu coração sangra. Muitas vezes me levanto da minha mesa após um dia de trabalho e olho o que escrevi, vejo como lamentavelmente pouco há. E estou exausto como se tivesse arrastado pedras pesadas o dia todo” (LIEHM; LIEHM, 1980, p. 55).

<sup>34</sup> “O filme de Dovzhenko intensificou muito o radicalismo das visões de Michurin e expandiu o leque de citações que Lysenko precisa referir para referir-se ao jardineiro que escolheu como seu precursor. Portanto, *Michurin citou Lysenko no filme para que Lysenko pudesse citar Michurin*. Michurin atua como um duplo ideológico de Lysenko no filme e diz as mesmas coisas que “[...] o acadêmico do povo”, só que de “[...] forma mais expressiva” (DOBRENKO, 2020, p.322).

<sup>35</sup> “O objetivo é ir da lama de canteiros e torrões de terra espalhados pela paisagem de primavera ou outono, desse pobre traje, até o próprio céu, as nuvens, e erigir tudo isso em uma só estrutura da beleza”. Se subtrairmos a retórica usual de Dovzhenko desta afirmação, então a “beleza” deveria vir da terra e do céu. Tal leitura é obviamente dissonante com a imagem de Dovzhenko como o “ateu orgânico” (DOBRENKO, 2007, p. 316).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

*plamennykh let* [Um conto de anos de fogo], 1961. Em 1944, durante o meio dos trabalhos para a peça de teatro, estabeleceu alguns elementos que reapareceriam no filme<sup>36</sup>.

Ele, de fato, insere tal imagem com o jovem casal, em trajes típicos russos (mais ainda de se ambientar na segunda metade do século XIX). Ele fora pouco antes do início da produção do filme denunciado como nacionalista ucraniano (algo tão profundo no diretor que o fez combater no caos da Guerra Civil junto a grupos separatistas não-bolcheviques) e por não evidenciar a importância de Stalin para as massas (EDMUNDS, 2004, p. 73). Pela primeira vez em seus filmes, Stalin seria citado, ao lado de Lenin, apesar de não exibido, ao contrário do presidente Kalinin. O regime teve menos resultado quanto às suas tendências nacionalistas. A camisa *vyshyvanka* e o vestido *sarafan* do jovem casal em Ryazan, Rússia Ocidental, onde nasceu em 1855, ou Koslov, região de Tambov, sul da Rússia, em que se casou em 1873, diferenciavam-se mais dos trajes bielo-russos e ucranianos pelos padrões de bordados do que pela estrutura e cores vistosas. Pequenos detalhes, que poderiam até sugerir ao nacionalista ucraniano despercebido, que Michurin tivesse algo de ucraniano.

Apesar da permanência de muitas cenas e músicas, a lógica interna do filme foi substituída, e o que era central se tornou uma reminiscência que o censor não pôde eliminar<sup>37</sup>, bem como temas pessoais como a velhice, solidão e morte, pelos temas do nacionalismo e do espírito de trabalho criativo do Partido Comunista. Em 1944-45, quando Dovjenko escreveu a peça, o cinema, o teatro e a cultura em geral da URSS gozavam de uma liberdade criativa não conhecida desde os tempos da NEP<sup>38</sup>. Eisenstein e outros diretores (e provavelmente Dovjenko) acreditaram que esta seria a tônica do pós-guerra. Stalin se reconhecera firme na liderança, legitimado pela vitória na guerra, que eclipsaria os fracassos, as dificuldades, as memórias e a quase queda nos anos 1930. Mas não foi isso que aconteceu (YOUNGBLOOD, 2007). A emergente Guerra Fria exigia unidade nacional e engajamento pró-regime, o combate aos relutantes internos e a promoção dentro e fora do país de um discurso justificador de suas ações na escalada militar, no aumento das tensões e nas disputas por territórios e influência (da mesma forma que os EUA favoreceram e impuseram o anticomunismo em

<sup>36</sup> “Uma abundância de ‘verdades nuas’, como rostos sem barbear, sujeira, cabelos despenteados e roupas rasgadas, podem ser voltadas contra a verdade da arte... Basta olhar para as ruas, ou no exército, para quantos jovens lindos há moças e rapazes, enobrecidos por pensar em grandes tarefas. Quantos belos há, em beleza física, harmonia de feições e proporções! Quanta riqueza se delinea no aspecto externo do nosso povo! Depois de duas ou três gerações, seremos os mais belos dos povos” (DOBRENKO, 2007, p. 316).

<sup>37</sup> “A tragédia interna da guerra romântica diminuiu ao nível de tópicos de debates científicos; a crise e o subsequente colapso da paciência romântica, vencidos pelo tempo inexorável e pela morte, foram substituídos pela frustração e irritabilidade do herói” (DOBRENKO, 2020, p. 317).

<sup>38</sup> Nova Política Econômica, *Novaya Ekonomicheskaya Politika*, 1922-28, formulada por Lenin com o abandono do comunismo de guerra, estabelecia a criação de uma economia mista, com varejo e pequenos negócios capitalistas ao lado da estrutura socialista, e bancos e grandes fábricas estatais (CARR, 1979).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Hollywood como criação de uma identidade interna e para seus aliados). Se o diretor pudesse ter lançado o filme antes de 1947, com o fechamento do regime, era possível que a sua versão fosse lançada com uma dose muito menor de adaptações e imposições<sup>39</sup>, com remendos e não com reelaboração que substituísse o seu núcleo. Não poderia ser tranquilo trabalhar com um ícone de propaganda, naquele momento de guerra cultural interna e externa, com Lysenko desesperado para se reimpor no controle da ciência e promover socialmente a sua teoria, além das questões em torno dos imensos e não debatidos planos agrícolas soviéticos.

A genialidade do diretor conseguiu conjugar passagens pró-regime e pró-lysenkoísmo formuladas por Lysenko de maneira tão indissociável que, mesmo tendo sido excluído da seleção do material e montagem final, foi impossível apagar por completo o projeto original do filme. Forçado a filmar novas cenas didático-pedagógicas, escolheu locações, posições e movimentos de câmera, enquadramentos, que inseriam o lirismo que desejava. Dobrenko (2020, p. 317), citando Margolity, compara a situação a um belo afresco pintado rudemente por um novo, permitindo ver contornos e pedaços do antigo em meio aos novos traços. Na narrativa, o presidente da URSS, Mikhail Kalinin (Vladimir Solovyov), caminha ao lado de Michurin (Grigori Belov) em um grande campo de macieiras tomado por suas flores de primavera, deparando-se com um plácido lago ao fim. Não se poderia preservar as mensagens políticas, presas ao cenário, sem o preservar também. Se o regime desejava que tais mensagens fossem destacadas, esse objetivo poderia ser turvado pelas composições, fundos cenográficos e *mise-en-scène* desenvolvidos por Dovjenko, auxiliado pelos cinematografistas Leonid Kosmatov e Yuli Kun, e pelo diretor de arte Miron Karyakin. As quase sempre onipresentes flores das mais variadas cores (uma novidade na tela que por si só poderia se tornar o verdadeiro destaque) poderiam facilmente absorver a atenção que se esperava do público. A única opção seria refilmar sem a presença de Dovjenko. Muitas cenas conseguiram, portanto, ser ao mesmo tempo líricas e didáticas, como se pode observar na tabela das cenas constituintes da película. Além disso, são vários os interlúdios que fazem parte do projeto inicial. Assim, as ruínas do trabalho original não são tão pequenas. Pouco menos de um terço do filme pode ser considerado lírico, ou cerca de 33:32 minutos. O lituano Abram Room teria se demonstrado um diretor mais adequado visando alcançar os objetivos lysenkoístas e stalinistas. Didático e simplificador ao extremo, o seu estilo era o de um teatro filmado, que permite que a mensagem desejada seja entregue à audiência com menos interrupções. A diferença entre os dois diretores pode ser demonstrada pelas encomendas e

---

<sup>39</sup> Enquanto Youngblood (2008) percebe esse fechamento em torno de 1947, Bo (2019) a insere ainda no meio do conflito.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

projetos recebidos. A partir da imposição do realismo socialista<sup>40</sup> em 1934, Dojvenko produziu dois filmes e quatro documentários<sup>41</sup> até 1949 e o lançamento de *Michurin*. Enquanto isso, Room dirigiu sete filmes e se encontrava trabalhando nesse momento em *Sud chest*, outro clássico do lisenkoísmo e da tentativa de controle sobre a ciência, nesse caso, por coerção.

As dificuldades de filmagem – e de submeter a Dovjenko aos ditames emanados de Lysenko e das agências de censura – resultaram também na duplicação de funções: à primeira diretora assistente (cargo corriqueiro no cinema soviético), sua esposa, Yuliya Solntseva, que também cuidou da edição final, mais maleável ao partido (RILEY, 2004, p. 73), acrescentaram-se ainda três segundos diretores assistentes: Ivan Doljnikov, M. Kuckoheren e Georgi Natanson. A cena preferida do diretor, na qual o auxiliar Terentiy (Nikolai Shamin) morre em meio ao prado florido, em um simbolismo de morte e renascimento, realçando as impressões panteístas do diretor, foi extirpada na versão final do filme.

O governo encomendara duas versões do filme, uma para o público interno, mais didática, e outra para exportação, com maior liberdade para o diretor. Como mesmo nessa segunda abordagem surgiram posições irreconciliáveis entre o diretor, os censores e Lysenko, essa versão acabou abandonada com o afastamento de Dovjenko para tratamento de saúde e a pós-produção executada por terceiros. De acordo com Dovjenko, para realizar as alterações exigidas, era necessário ter nervos de aço, alma de rocha e coração de escravo, assim por ele descrito, em 28 de dezembro de 1945, quando o seu calvário apenas começara (MARSHALL, 2013). Como aponta Ivanova (1964, p. 160 -163), *Michurin* se torna um herói em decorrência da austeridade e do sofrimento pessoais: prometeu à esposa a felicidade, mas acabou

---

<sup>40</sup> Clark (200, p. 28-36) mostra como o conceito de realismo socialista foi formulado por lideranças políticas e artísticas como Jdanov e Gorki entre 1932-34, e oficializado durante o I Congresso dos Escritores da União. Jdanov pedia uma combinação do cotidiano com os “[...] mais heroicos prospectos”, uma arte orientada para como o futuro deveria ser, e não para o presente e a concretude, heroísmo e não realismo. Portanto, um romantismo revolucionário exagerado, mas não puramente fantasioso – era uma união de verossimilhança com mitificação. Hobsbawm (1987) também menciona o apelo ao espírito do partido, o *partiinost*, como guia para a obra – os realizadores deveriam seguir as recomendações políticas do momento. Em 1934, *Tchapaiev* foi escolhido como exemplo de realismo socialista a ser seguido no cinema.

<sup>41</sup> Nascido numa família de camponeses analfabetos, pobres e religiosos, foi um dos dois únicos sobreviventes de 11 irmãos. Após abandonar o apoio ao nacionalista ucraniano e bandoleiro Petliura, uniu-se ao Exército Vermelho ao partido em 1919. Tornou-se diplomata encarregado do comércio em Berlim e estudou pintura em Munique em 1923. Em 1926-27 produziu comédias *thrillers* de acordo com o espírito comercial da NEP. A partir de *Zvenigora*, 1928, produz filmes com sua marca filosófica e vanguardista. Em *Arsenal*, 1929, usa alegorias para abordar a história da Ucrânia, ao mesmo tempo em que se afasta de suas ligações com o sanguinário Petliura. *Zemlia* [Terra], 1930, tratou da coletivização por meio da cultura e sociedade camponesas. Também marcou a eclosão das críticas na imprensa contra seu formalismo e nacionalismo, que seriam redobradas em seu *Ivan*, 1932, sobre a construção de uma represa na Ucrânia (ROLLBERG, 2009, p. 187-189).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

devotando a sua vida, e ainda mais a dela (que morre na epidemia de cólera que ocorre pouco tempo depois que uma inundação destrói seu pomar, em uma área escolhida exatamente pelos desafios climáticos, ambientais e químicos às suas novas variedades), ao melhoramento de cultivares. Poderia até mesmo ter a fortuna e a fama no estrangeiro, mas sob a Rússia czarista preferiu a pobreza e o trabalho. O cientista do regime cumpre na ciência o papel do membro da vanguarda, um agitador profissional, dedicado à causa acima de tudo.

Segundo Marshall (2013), Dovzhenko se inspirou em si mesmo para compor o personagem. Também gostava de jardinagem e agricultura, plantando pessoalmente um talhão no estúdio de Kiev<sup>42</sup>. No entanto, Michurin, jardineiro, agrônomo e pobre, também servia para Lysenko se apresentar ao público. Ele se definia na imprensa soviética como agrônomo e simples camponês (GRAHAM, 2016, p. 74). A ligação com o personagem heroicizado também atingia a Stalin, que, mesmo no cinema, aparecera como humilde jardineiro, sendo a jardinagem o seu único *hobby*.

Em pior situação ficou a trilha orquestral de Shostakovich. Pouco se ouve de sons pastorais. Boa parte da música, ou da música de fundo, desaparece com os diálogos, ou é substituída pelos compositores subsequentes: Arnold Roytman, maestro do coro e da orquestra, e Gavril Popov (RILEY, 2004, p. 73), convocado por bandas, que promoviam um áudio enérgico e otimista ao gosto do regime, como a histórica canção *Smelo tovarishchi v nogu* [Corajosos camaradas em marcha], para fornecer o clima propício (segundo o Partido Comunista) às cenas da Revolução de Outubro, e contrário ao plano original do diretor e do compositor. Mesmo assim, Popov não escapou de críticas nos jornais soviéticos, sendo tachado de formalista e excessivamente complicado, que, apesar de ter reproduzido músicas populares, foi incapaz de produzir refinamento harmônico. Shostakovich a reaproveitou em seu oratório *Pesni o lesakh* [A canção das florestas] (RILEY, 2004, p. 73), citado acima como um dos elos da campanha para tornar o lysenkoísmo um modelo de *self mande man* socialista e ainda se integrar no corpo teórico do novo homem soviético. Ele não se empolgou com a ideia de Dovzhenko, mas era o primeiro trabalho remunerado desde o choque com as autoridades em abril de 1948, quando ele, Sergei Prokofiev e Aram Khachaturian foram acusados de formalistas por Andrei Jdanov, sofrendo sanções de ordem financeira e censura de várias obras. O resgate financeiro do compositor foi além, ganhando o Prêmio Stalin de segundo grau (BUCH, ZUBILLAGA, SILVA, 2016, p. 106).

---

<sup>42</sup> Na URSS de Stalin, da crise do trigo e milho de Krushev em 1963, ou da *perestroika* e *katastroika* de Gorbachev, era comum pessoas cultivarem hortas coletivas em terrenos baldios ou não ocupados por edificações, em decorrência da insegurança alimentar. Seu uso era tão frequente que estava prevista e regulamentada no código legal (FELDBRUGGE; BERG; SIMONS, 1985, p. 362).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

A censura e a pressão stalinistas não produziram sozinhas seus protocolos para a ação. Podem ser achadas já na “Proporção leninista”, surgida em memorando de Lenin de janeiro de 1922, propondo cotas proporcionais de exibição de filmes de entretenimento e os educativos/propaganda: “Se tivermos bons noticiários, e películas sérias e instrutiva, pouco importa se o público se entretenha com filmes inúteis... Claro, a censura é necessária, de todos os modos. Películas contrarrevolucionárias e imorais não têm lugar aqui” (BO, 2019, p. 49). Apesar do regime de Lenin passar longe da instauração de uma censura rígida, como confirmam várias películas com pesada crítica implícita, como *Aelita* (1924, Yakov Protazanov) e *Dura lex* (1933, Lev Kulechov) (FERRO, 1992). Essa primeira tentativa de equilíbrio pode ter ajudado na formulação tácita nas exigências stalinistas de que um filme, para exibir críticas (nos anos 1930) ou mensagens destoantes das oficiais (no pós-guerra), deveria igualmente ceder espaço à visão do regime em outros momentos e na visão geral. Com um terço ao gosto do diretor, e dois terços compostos por proselitismo pró-regime e a sua respectiva ideologia, *Michurin* não foge completamente do modelo.

Não foram apenas os soviéticos que assistiram a *Michurin*, ou que tiveram que suportar a aplicação do lisenkoísmo à agricultura<sup>43</sup>. O filme foi largamente exibido (dublado) na China de Mao ao longo de anos (SCHNEIDER, 2005, p. 131), inclusive antes do Grande Salto Avante. Mais uma vez, o filme serviu para se tentar conquistar simpatia do grande público para planos ambiciosos e impossíveis, legitimando e justificando a ação da liderança política. A sua promoção das noções de novo homem soviético, outros cultivares e naturezas humana, vegetal e animal, em um todo ideológico, teórico e físico integrado, era interessante aos projetos de aceleração do desenvolvimento para os setores stalinistas de vários países comunistas.

Filmar flores desabrochando em câmera acelerada ainda era algo inovador. Mais ainda em cores vivas. Apenas se pode imaginar o impacto sobre a audiência soviética da época<sup>44</sup>.

Apesar de ter sido o primeiro dos filmes de Dovjenko a citar Stalin, sempre ao lado de Lenin, o diretor não o insere pessoalmente no filme. Oportunidade não faltava. *Michurin* e o secretário-geral se encontraram algumas vezes, quando o primeiro foi

---

<sup>43</sup> Os americanos também puderam vê-lo a partir de 7 de maio do mesmo ano (<https://www.nytimes.com/1949/05/09/archives/the-screen-in-review-life-in-bloom-film-of-life-of-russian.html>).

<sup>44</sup> 21 anos depois, o diretor americano George Pal utilizou do mesmo efeito para demarcar a passagem das semanas em seu *A máquina do tempo*, 1960. Não se tratava de uma cena adaptada pois, no livro, H. G. Wells menciona os efeitos do tempo sobre árvores e não sobre botões de flores, seu desabrochar e morte. E ainda era um efeito impressionante.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

parabenizado (KINGSBURY, 2011, p. 204). Nenhum ator representa sua imagem ou voz. Stalin fica reduzido a breves menções, uma flâmula tremulante e sua ligação com discursos sobre o futuro brilhante da humanidade sob o comunismo e a reconstrução do mundo social, físico e orgânico.

Michurin não foi agraciado apenas com um filme em janeiro de 1949, mas também com uma biografia oficial (LEBEDEV, 1948) para distribuição externa, além de um romance com passagens lisenkoístas, o que levanta a possibilidade de uma ação casada de promoção interna e externa do carro-chefe da ciência proletária soviética de então, como forma de combater a Guerra Fria também no campo da propaganda. No mesmo ano, Lysenko seria ainda agraciado com o Prêmio Stalin.

Cena	Didática	Narrativa-lírica	Duração
Abertura e créditos em meio às nuvens		x	1:44
Abertura - pomar de Michurin		x	0:56
Michurin faz seus apetrechos no quintal		x	0:04
Americanos são apresentados aos seus híbridos e fazem sua oferta	x		2:50
Aristocratas “cosmopolitas” criticam o trabalho de Michurin	x		1:24
Americanos renovam sua oferta, enquanto pope Khristoforo ouve	x		2:50
Selecionadores de sementes se apresentam	x		1:50
O pomar visto de perto, e o furto das maçãs selecionadas		x	2:20
Estufa de Michurin e alerta para Terentiy sobre o perigo dos estrangeiros	x	x	0:50
Altercação entre Michurin e padre Khristoforo	x		5:10
Michurin recebe cartas de pesquisadores de todo o mundo	x		1:28
Desafios na estufa e no pomar	x	x	3:00

Resolução e mudança do pomar		x	1:30
Peregrinação pela burocracia imperial	x		2:20
Discursos de Ano Novo	x		5:55
Desilusões no novo e desafiador pomar		x	4:32
Esperanças no futuro do desenvolvimento científico	x		1:03
Doença de Aleksandra Michurina e memórias da juventude do casal		x	2:47
Maturidade do casal, no jardim de natureza outonal, cruel e fúnebre		x	3:15
Morte de Aleksandra Michurina, Michurin diante da tormenta		x	1:00
Elite czarista local coopta o cientista conservador contra Michurin	x		2:35
Luto por Aleksandra em meio à estufa sombria		x	0:12
Elite czarista e o cientista conservador Kartashov tramam contra Michurin	x		1:20
Michurin, no bosque, entre a desesperança e a oportunidade da Revolução	x	x	1:12
A Revolução, adesão, financiamento, propostas	x		5:30
Exposição e explanação de sua natureza melhorada em conquistas práticas	x		6:50
Debate técnico com Kartashov, opondo ciência conservadora à proletária	x		1:30
Monólogo de Michurin: ciência burguesa obscurantista e atrasada	x		1:00
Doença de Michurin, ode ao desejo de conhecer o grande Lenin	x		1:20
Poema à morte de Lenin no jardim de inverno, degelo e primavera	x	x	5:25
Novo confronto entre ciência burguesa e proletária, incluindo Darwin	x		5:50
Passeio no campo de macieiras em flor ao lado do presidente Kalinin	x	x	3:05



**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Desenvolvimento integrado de agricultura, indústria e ser humano	x		2:22
Exortação ao novo homem soviético e aos projetos de desenvolvimento	x		2:00
Campos de cerejeiras floridas e trigo com discurso e música ufanistas	x	x	1:50
Renomeação de Kozlov para Michurinski, discurso otimista mas nostálgico	x		3:20
Apoteose de todas as repúblicas e discurso otimista final pró-Lenin e Stalin	x		2:05

Total: 33:32 1:15:34 – a somatória é maior do que a duração do filme, pois várias cenas são compostas por ambas as orientações.

### **Manipulações, silêncios, mitificações e narrativa**

Rosenstone (2015) poderia alegar que uma narrativa sobre um herói espezinhado, idealista, desprezado e rejeitado mesmo estando correto, que consegue promover uma total reviravolta em sua vida e no conhecimento geral, é mais adequada à trama e ao entretenimento, mais emotiva e imersiva. Acreditamos que o autor não deixaria de ter razão. No entanto, é inegável o uso político-ideológico e agnotológico (GALAN MACHÍO, 2016) da supressão, deformação e invenção de dados e fatos, pois estes seguiram uma lógica, um encadeamento e uma seleção que agradaria aos desejos do regime, que interferiria inclusive à revelia da presença do diretor. Manipulação interessada e relato de uma história de maneira mais interessante não são ações mutuamente excludentes, pelo contrário.

Algumas cenas, apesar de tudo, realmente existiram, enquanto outras foram elaboradas sobre o material da história oficial, ou mesmo criadas pelo diretor. A rejeição do clérigo não é um exagero da propaganda do regime. De fato, um deles disse que, com seu hibridismo, ele transformava o jardim do Senhor em um bordel (KINGSBURY, 2011, p. 201). Entre os camponeses, Michurin possuía fama de mágico (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 7). O presidente Kalinin foi ao encontro de Michurin em 11 de setembro de 1922<sup>45</sup>, mas, no início do outono russo, e não em uma primavera agradavelmente florida de macieiras, como no filme (KINGSBURY, 2011, p. 203). O outono já havia servido para a morte da esposa, o sentimento de velhice e para o desalento diante da incapacidade de formular sua teoria e o seu abandono por parte do czarismo. A primavera vinha a calhar tanto pela distração do longo e elogioso diálogo, como para compor a emolduração na tela do popular líder. Michurin

<sup>45</sup> DeJong-Lambert e Kremmentsov (2017, p. 148) apontam que a data é incerta, e que pode ter ocorrido ainda em 1919.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

defendeu coletivos de trabalho massivos, que reuniam jovens do Komsomol, camponeses e pessoal técnico, como no filme (KINGSBURY, 2011, p. 204).

As duas visitas dos americanos, inclusive do Departamento da Agricultura, em 1911 e 1913, também são enevoadas pelo mito. Michurin acabou não emigrando não pelo seu patriotismo, mas pelos valores exigidos ao governo norte-americano (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 8), que mesmo assim teria oferecido 100 assistentes e um salário anual de 32 mil dólares, quando o maior salário do Departamento era de 4 mil<sup>46</sup>. Kingsbury (2011, p. 203) oferece maiores detalhes sobre como o mito ganhou força. Uma reportagem do *Izvestia* de 4 de outubro de 1923, logo após a primeira Feira Agrícola de Todas as Rússias (da qual alguns geneticistas afirmaram que a exibição de Michurin era fraudulenta), trazia o relato do agrônomo e de seu ajudante Gorshkov de nova proposta americana seguida de recusa. Nesse momento, o regime adotou o pleno financiamento de suas pesquisas com medo de perdê-lo. Todo o imbróglio é resumido por Dovjenko em uma única cena, ambientada nos anos do pré-guerra. Todos seus assistentes foram reunidos nas figuras do simples e religioso camponês Terentiy, que representa o passado, e de Ryabov (Viktor Khokhryakov), o revolucionário e militante do Partido Comunista, saído das massas empobrecidas e incultas, que ascende social e culturalmente aos estudos técnicos.

**Figura 1-** O desprezo do tsarismo pela ciência substituído pela visita de Kalinin.



Fonte: Michurin (1948)

<sup>46</sup> Dejong-Lambert (2012, p. 8) vai além: insinua que a proposta americana foi bem menor, até mesmo pela surrealidade dos valores comparados aos vigentes e que Michurin chegou a diminuir as suas exigências extravagantes, mas mesmo assim era demais para aquilo que os americanos estavam dispostos a oferecer. Também sugere que toda a história sobre esses números exorbitantes foi construída e exagerada após o fim das negociações e a Revolução, o que o desculparia diante do regime de qualquer conduta capitalista e pouco nacionalista por uma pretensa força de vontade férrea. O fracasso teria se tornado epíteto de suas credenciais confiáveis para o financiador interno, sem as quais dificilmente poderia receber investimentos governamentais. Joravsky (2010, p. 45) afirma que os americanos consideraram as exigências de Michurin caras demais. O próprio Michurin (1958, p. 20-21) insistentemente reclamava de seus problemas financeiros em texto de 1914, adequadamente publicado em suas *Obras escolhidas*.

**Figura 2** - As fusões da passagem do tempo se encadeiam com as conquistas do regime.



Fonte: Michurin (1948)

Era ele mesmo, já sob os holofotes da Revolução, quem dizia ter sido espezinhado pela Igreja Ortodoxa, pela Academia e pelo Estado czaristas (KINGSBURY, 2011, p. 201). Narrativa útil na época e também para o filme, três décadas posterior. Filho de nobres empobrecidos, a sua família não dispunha de dinheiro para custear os seus estudos. Apesar de medianamente bem vestido em determinadas ocasiões (ao contrário das roupas proletárias no laboratório, jardim, estufa e pomar) e do seu desconforto inicial diante dos revolucionários, a sua origem nobre foi omitida. A sua atividade manual de relojoeiro, com a qual se mantinha, por outro lado, foi bem trabalhada. Foi agraciado com a Ordem de Santa Ana em 1913 pelo governo czarista russo (NESTEROV, 1960, p. 4), o que também foi devidamente omitido. Ele não foi visto pelo regime de então como um incômodo que precisava ser ignorado, desacreditado e, dentro do possível, cerceado pelos ataques de seus inimigos burgueses, nobres e eclesiásticos. Ele, de fato, recebeu reconhecimento antes da Revolução, mas sem alcançar qualquer benesse para além de uma medalha, como o tão desejado financiamento de pesquisas.

Mesmo a condensação do tempo no filme não pode ser avaliada sob a ótica de Rosenstone sem sobressaltos. Sem dúvida, confere agilidade e ritmo, tornando possível que a sua duração não fosse excessiva. No entanto, o período de alguns anos entre os quais Michurin aprofundou seus resultados e recebeu reconhecimento e verbas do novo governo, ao ser comprimido, ganha novo sentido. A Revolução na mente de Michurin com a criação de sua teoria de transformação da natureza coincide perfeitamente com as luzes da Revolução – ambas são instantâneas e coetâneas, inextricáveis. O telegrama de Lenin chegou apenas em 18

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

de fevereiro de 1922, e o seu viveiro se tornou de importância estatal apenas em 1923 (NESTEROV, 1960, p. 5).

Ferro (1992, p. 45-46) mostra como o diretor pode sugerir mensagens sutilmente ao público por meio de fusões e encadeamentos. O exemplo mais famoso é o de *O judeu Süß* [Jud Süß], 1940, de Veit Harlan, no qual bailarinas podem sugestivamente dar espaço para moedas, indicando a cupidez judaica para uma audiência que se pretende nazista ou nazificante. Em *Michurin*, isso ocorre com a fusão do sistema elétrico, que paira sobre os campos e a população. Essa fusão da imagem de torres de transmissão de energia dando lugar a um sistema mais moderno pode indicar a simples passagem do tempo (ROSENSTONE, 2015), no período que decorre entre o reconhecimento de Michurin com a Revolução e o início da colheita dos frutos de seu trabalho com os novos cultivares ou a sua proposição de maiores mudanças na organização do trabalho dos camponeses em direção às metas coletivistas e fordistas do regime. Se, no entanto, não considerarmos ingênuo o trabalho do diretor, de sua esposa na pós-produção, ou dos demais técnicos que presidiram a edição final da película à revelia de Dovjenko, outra situação se torna clara. A partir do Primeiro Plano Quinquenal, em 1929, o país se lançou ao projeto de eletrificação das cidades e do campo. Algumas das maiores usinas hidrelétricas da época foram levantadas no Volga e no Dnieper. Esforço e custos colossais que não passaram sem críticas, como as de Bukharin, que preferia o incentivo à agricultura privada ao invés da indústria e eletrificação. Apesar de a oposição ter sido destruída fisicamente na Grande Purga, era de interesse do regime a propaganda de seu sucesso no projeto passado, quando o novo, da conquista das terras virgens, se iniciava. O avanço da eletrificação era também, ao lado da industrialização, educação, ascensão social e da vitória na Segunda Guerra, a matéria que legitimava e sustentava o sistema e o líder. A fusão de imagens lembra ao público que o progresso é incessante, que o país continua a modernizar a sua rede elétrica, e também a si mesmo. Tal fusão ocorre na cena em que Michurin defende as novas técnicas agrícolas, o novo regime de trabalho, as novas variedades e a entrada em cena da nova geração instruída e dotada de novos valores morais e sociais formada pelo Komsomol, escolas, escolas técnicas e universidades da URSS. Ela sugere também a transformação e evolução contínua da natureza pelas mãos humanas e dos cientistas autorizados do regime, do ambiente e da paisagem pelo trabalho humano nos novos campos e pomares, do novo homem soviético. A fusão reforça e induz a ideia da revolução total da realidade que ocorreria na URSS.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

O próprio Michurin afirma não ter elaborado toda essa teoria, como diz Lysenko ao defender seu alegado michurinismo. O filme aponta para o momento da elaboração de sua teoria de produção controlada de características herdáveis como tão tarde quanto a eclosão e vitória da Revolução. Segundo o próprio Michurin, seus méritos residem apenas em métodos e metodologias baseados em empirismo (MICHURIN, 1958, p.22-33). Sequer era inimigo da genética – o seu próprio viveiro se tornaria uma estação de seleção genética, em 1928, e parte do Laboratório Genético Central em 1934.

## Conclusão

Michurin não estava à frente de seu tempo, como afirma a propaganda soviética, mas possuía um papel de destaque, já que várias tentativas de melhoramentos em sua época, e mesmo em algumas décadas anteriores, terminaram em plantas estéreis, incapazes de se reproduzir (o mesmo que ocorre quando se cruza animais de raças diferentes, como cavalos e jumentos, dando origem à mula, ou galinhas e galinhas d'Angola), como o triticales no último quarto do século XIX<sup>47</sup>. Como se produziu nos EUA uma mitologia em torno da iniciativa e do trabalho duro de Thomas Edison e Henry Ford, encarnando os ideais econômicos e morais capitalistas e da sua ordem social, a URSS precisava de seus próprios mitos que incorporassem a crença no futuro radiante e vitorioso do comunismo, na possibilidade de total alteração da ordem prévia, na capacidade de domar e refazer a realidade e no novo nacionalismo surgido com a onda conservadora stalinista dos anos 1930. Michurin contribuiu para a construção dessa mitologia, como no caso das tentativas americanas de comprá-lo e em sua alegada recusa. A crença desmedida nas capacidades da ciência em modificar a realidade, na velocidade e na abrangência do progresso não era de forma alguma apenas soviética. Do mundo iluminista do século XIX até a segunda metade do XX (e em sua abrangência mutável, chegou a atingir boa parte do domínio muçulmano urbano em meados do último século), esta foi uma expectativa geral, alimentada por especialistas ambiciosos e charlatães. No Leste Europeu da purga stalinista, na China de Mao, e acima de tudo, na URSS de Stalin, no entanto, essa experiência foi ainda mais profunda e traumática. Em nenhuma outra parte do mundo até então a elite política e econômica, a sociedade e a ideologia dominante criaram tal relação simbiótica com pseudocientistas e a pseudociência.

---

<sup>47</sup> Michurin criou várias espécies novas de plantas a partir de espécies diferentes, como aconteceria de maneira satisfatória posteriormente com o triticales, surgido da união do trigo com o centeio, e, como bom russo, o alferes Pavel Chekov, em *O problema* [The trouble with tribbles], 1967, sabe que o triticales é invenção russa e não canadense. Michurin cruzou, por exemplo, a ameixa e a cereja e morangos silvestres com morangos domésticos.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

É tolice achar que após os desastres na agricultura nacional no início dos anos 1930 e o subsequente cataclisma (material e de mão de obra em um país que não havia terminado sua transição para a mecanização) da Segunda Guerra, o Kremlin pudesse aprovar rios de rublos pagos pelo contribuinte em um cheque em branco para programas audazes, arriscados e, como se demonstraria, morosos e, às vezes, de breve duração por sua insustentabilidade e com alto custo ambiental, sem se importar com a opinião pública – esta, por meio dos deputados do XVII Congresso, em outubro de 1934, quase expulsou Stalin do poder, em decorrência do fracasso e da convulsão causadas no sul do país. Stalin, como afirma Overy (2009), sabia identificar e surfar as ondas dos profundos movimentos da sociedade, mas, ao contrário do que o autor inglês afirma, ele não era totalitário e sequer possuía poder para isso. Apesar de não ter sido simples joguete dessas mesmas tectônicas e inapeláveis forças sociais, como afirma Moshe Lewin (1988), para corrigir alguns anos depois (2006), em uma visão integrada de poder entre indivíduo e estrutura social em mutação. O líder e os seus assessores, como o próprio Lysenko, sabiam que precisavam mobilizar os seus apoiadores e tentar obter novos, por meio da disseminação de sua visão nacionalista, sectária e combativa de [pseudo]ciência. Sabiam ainda que o cinema era um ótimo meio para tal fim, mas não estavam tão entusiasmados com o engajamento e a lealdade de diretores e pessoal técnico como Dovjenko, que resistia em transformar o seu projeto inicial, voltado para a arte – que, afinal, era o meio de aprovação por seus pares e de acúmulo de capital artístico, ou renome e autoridade, em seu grupo social (BOURDIEU, 1996) –, em uma peça de propaganda política e de divulgação [pseudo]científica. Ao lado do ataque cardíaco<sup>48</sup> e internação, o diretor ucraniano ganhou também o Prêmio Stalin pelo filme. Como Miller (2010), que fala em política da cenoura e do porrete, Riley (2004, p.73) afirma que este era o *modus operandi* do regime, que atuava por congratulações e condenações. Sem dúvida o sistema procurava obter o controle de diretores e estúdios dessa forma, mas o fazia em decorrência da incapacidade de os submeter, de fato e completamente, por meio da ambiguidade e mesmo ao nível subconsciente, como mostra Ferro (1992, 1975), resultando em uma ampla escala de cinzas entre a adesão e a oposição (NAPOLITANO, 2010).

---

<sup>48</sup> Sobre a estafa enfrentada, afirma que “Dovzhenko ficou profundamente angustiado por ter de mutilar seu filme, reclamando que precisou combinar seu ‘velho poema sobre criatividade com uma nova história sobre hibridização de plantas’ e temeu que acabasse com um híbrido de planta grotesco (do tipo que às vezes Michurin produziu). Michurin, originalmente um cientista obsessivo não muito distante do estereótipo do ‘professor louco’, agora precisava ser transformado para desempenhar um papel póstumo no reforço do lisenkoísmo contra a genética mendeliana” (BUCH; ZUBILLAGA; SILVA, 2016, p. 106).

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

Apesar do alegado poder do Estado, segundo a teoria do totalitarismo, o filme manteve distância de ser puramente uma peça publicitária, ou de contar com plena colaboração por coerção de Dovjenko – este conseguiu manter algumas características com as quais pretendia definir a obra. Os críticos das revistas e dos jornais soviéticos não deixaram de ver pontos negativos, como a música tanto de Shostakovich quanto de Popov. Nenhum dos lados se percebeu satisfeito com o resultado final. É uma lástima que não tenha sido possível encontrar os dados das bilheterias para saber o que a população de fato achou da película, ou se foi mais um lado decepcionado.

O marxismo e o marxismo-leninismo sobre o qual o Estado se fundamentava possuíam uma concepção oitocentista, evolucionista e religiosa da Ciência, advogando seus milagres presentes e vindouros, de maneira mais intensa, capilarizada e basilar do que no ocidente capitalista da mesma época. Para tanto, era necessário abandonar ou enfraquecer o seu método para tornar possíveis tais vislumbres excessivamente otimistas e irrealistas. Michurin possuía dois lados, duas versões e duas possibilidades de ótica: genial, inovador e relevante, mas também teimoso, insuficientemente científico, irrisório e provavelmente falsário, uma ótima base de comportamento e moral para seu aluno Lysenko. A crença inquestionável no progresso como parte da ideologia oficial e a mitologia construída em torno do agrônomo russo acabaram por balizar a película, e esta, a alimentar as bases sociais que nelas acreditavam, servindo, assim, como elemento de fortalecimento do discurso e da legitimidade do regime.

## Referências

- ALLEN, Garland. *Thomas Hunt Morgan: the man and his science*. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- BEUMERS, Birgit. *Directory of World Cinema: RUSSIA*. Bristol: Intellect, 2015.
- BO, João Lanari. *Cinema para russos, cinema para soviéticos*. Bazar do Tempo, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BROWN, Archie. *The Gorbachev factor*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- BROWN, Archie. *The Rise and Fall of Communism*. Londres: HarperCollins, 2010.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. *Ideologia e poder na política soviética*. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

BUCH, Esteban; ZUBILLAGA, Igor; SILVA, Manuel. *Composing for the State: music in twentieth-century dictatorships*. Abingdon: Routledge, 2016.

BUFFET, Cyril. *Cinema in the Cold War*. Nova York: Routledge, 2016.

CAUTE, David. *The dancer defects: the struggle for cultural supremacy during the Cold War*. Oxford: OUP Oxford, 2003.

CHRISTIE, Ian; TAYLOR, Richar. *The film factory*. Londres: Routledge, 2012.

DAVIES, Sarah. *Popular opinion in Stalin's Russia: terror, propaganda and dissent, 1934-1941*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DÁVILA, Sérgio. Nobel acusado de racismo está correto, diz cientista político. Disponível em: [http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/acusado\\_racismo\\_esta\\_correto.htm](http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/acusado_racismo_esta_correto.htm). Acesso em: 10 dez. 2021.

DEJONG-LAMBERT, William. *The Cold War politics of genetic research: an introduction to the Lysenko Affair*. Nova York: Springer, 2012.

DEUTSCHER, Isaac. *Stalin*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DOBRENKO, Evgeniï. *Political economy of socialist realism*. New Haven: Yale University Press, 2007.

DOBRENKO, Evgeny. *Late Stalinism: the aesthetics of politics*. New Haven: Yale University Press, 2020.

FELDBRUGGE, Joseph Maria; BERG, Gerard Pieter Van den; SIMONS, William Bradford (org.). *Encyclopedia of Soviet Law*. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1985.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 199-215.

FÜRST, Juliane. *Late Stalinist Russia*. Milton Park: Routledge, 2006.

GALAN MACHÍO, Agustín. *Agnotología: sociología de los campos de ignorancia y de los sujetos de su producción social*. España: Universidad Complutense de Madrid, 2016.

GRAHAM, Loren. *Lysenko's ghost: epigenetics and Russia*. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INGS, Simon. *Stalin and the scientists: a history of triumph and tragedy, 1905-1953*. Nova York: Grove Atlantic, 2017.



**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

IVANOVA, Tatiana. Alexander Dovzhenko and his films. *In: AZHAYEV, Vasili (org.). Soviet Literature*. Moscou: Union of the Writers of the U.S.S.R., 1964. p. 68-80.

JORAVSKY, David. *The Lysenko affair*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

KENEZ, Peter. *Cinema and Society: from the Revolution to the death of Stalin*. London; Nova York: I. B. Tauris, 2008.

KHLEVNIUK, Oleg. *Master of the house: Stalin and his inner circle*. New Haven: Yale University Press, 2009.

KINGSBURY, Noel. *Hybrid: the history and science of plant breeding*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

KOTKIN, Stephen. *Stálin: paradoxos do poder, 1878-1928*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

KREMENTSOV, Nikolai; DEJONG-LAMBERT, William. *The Lysenko controversy as a global phenomenon*. Cham: Springer, 2017.

LEBEDEV, Viacheslav. *El renovador de la Naturaleza: vida y obra de Michurin*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1948.

LECOURT, Dominique. *Proletarian Science?: the case of Lysenko*. Oxfordshire: Verso, 2018.

LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIEHM, Mira; LIEHM, Antonín. *The most important art: Soviet and Eastern European film after 1945*. Berkeley: University of California Press, 1980.

LYSENKO, T. D. *Heredity and Its variability*. Moscou: Foreign Languages Publishing, 1954.

MARSHALL, Herbert. *Masters of the Soviet Cinema*. Londres: Routledge, 2013.

MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy. *Um Stalin desconhecido*. Record: Rio de Janeiro, 2006.

MENEY, Patrick. *A kleptocracia: a corrupção na União Soviética*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

MICHURIN, Ivan Vladimirovich. *Obras escogidas*. Buenos Aires: Editorial Quetzal, 1958.

MICHURIN. Direção: Aleksandr Dovjenko. Moscou: Mosfilm, 1948. 1 DVD (99 min), color.

MILLER, Jamie. *Soviet cinema: politics and persuasion under Stalin*. Londres: I. B. Tauris, 2010.

MONTEFIORE, Simon. *Stálin: a corte do czar vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**Outros Tempos**, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031

MONTEFIORE, Simon. *Os Románov*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORTON, Brian. *Shostakovich: his life and music*. Londres: Haus, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. Vencer Satã só com orações?: políticas culturais e cultura de oposição no Brasil dos anos 70. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (org.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.145-174.

NESTEROV, Valentin. *Michurin's theories and experiments in forestry*. Washington: National Science Foundation, U.S.A.: and the Department of Agriculture, 1960.

OBERMANN-JESCHKE, Dorothee. *Eugenik im wandel: kontinuieräten, brüche und transformationen*. Münster: Unrast, 2008.

PILATI, Ronaldo. *Ciência e pseudociência*. São Paulo: Contexto, 2018.

RADZINSKY, Edvard. *Stalin*. Nova York: Anchor Books, 2011.

RAPPAPORT, Helen. *Joseph Stalin: a biographical companion*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 1999.

RILEY, John. From the factory to the flat. In: EDMUNDS, Neil (org.). *Soviet music and society under Lenin and Stalin*. Londres: RoutledgeCurzon, 2004. p. 67-80.

ROBERTS, Andrew. *Churchill: caminhando com o destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ROLLBERG, Peter. *Historical dictionary of Russian and Soviet cinema*. Lanham: Scarecrow, 2009.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SCHNEIDER, Laurence. *Biology and Revolution in twentieth-century China*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2005.

TATU, Michel. *O poder político na URSS*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

TAYLOR, Richard; SPRING, Derek. *Stalinism and Soviet cinema*. Nova York: Routledge, 2006.

TEICHER, Almir. *Social Mendelism: genetics and the politics of race in Germany, 1900-1948*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin: triunfo e tragédia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 2 v.

YOUNGBLOOD, Denise. *Russian war films: on the Cinema Front, 1914-2005*. Lawrence: University Press of Kansas, 2007.